

Estação 21 #024 - Matrix



Ficha técnica

Neste episódio, Sidney Andrade, Deia Jaguará, Phillippe Moraes, May Reis e Yohanne Zamboti vieram fazer a vontade do público, que votou e escolheu Matrix, obra cinematográfica icônica da Ficção Científica, idealizada pelas Irmãs Wachowski, lançada em 1999 e que revolucionou o cinema. Esse sucesso, permitiu que Matrix desse origem a uma variedade de obras multimídia subsequentes, incluindo as suas continuações no cinema: Matrix Reloaded e Matrix Revolutions, em 2003.

Originalmente publicado em 21 de maio de 2021 <https://leitorcabuloso.com.br/2021/05/estacao-21-024-matrix/>



Onde você nos encontra?

- Twitter: www.twitter.com/estacao21pod
- Instagram: www.instagram.com/estacao21pod
- Youtube: www.youtube.com/estacao21pod
- Twitch: <https://www.twitch.tv/estacao21pod>
- Email: estacao21pod@gmail.com

Colaboraram com esse episódio

- Identidade Visual: Édipo Barreto;
- Identidade Sonora: Pablo de Assis;
- Arte da capa: Édipo Barreto;
- Edição de Áudio: André Gonçalves;
- Revisão de Áudio: Carol Lima;
- Pauta: Sidney Andrade.

TRANSCRIÇÃO – Estação 21 #014 – Distopias

- Transcrito e diagramado por Aline Bergamo

Sumário

1. Apresentações	3
2. Contexto	6
3. As irmãs Wachowski	11
4. Sinopse	16
5. Com Spoilers	17
6. Sequências	33
7. Matrix 4	41
8. Encerramento	44

1. Apresentações

(VINHETA DE ABERTURA – “Aviso: Este podcast não é recomendável pra crianças ou outras pessoas sensíveis a conteúdo adulto e linguagem explícita”. – SEGUIE-SE MONTAGEM DE FRASES E CITAÇÕES INTERCALADAS E SOBREPOSTAS EM DIVERSAS VOZES)

Sidney Andrade: Está no ar mais uma transmissão do podcast, Estação 21.

(todos comemoram)

Sidney Andrade: Nossa, quanta animação para esse filme aqui. Muito catastrófico, um filme muito cyberpunk. Hoje você escolheu ouvinte e nós vamos falar finalmente de uma ficção científica no Estação 21, já era hora, não é mesmo? A gente estava só no mundo da fantasia ali muitas maguquinas, mas hoje abriga é de monstro, da briga de robô, de inteligência artificial as porra toda. Hoje nós vamos falar de Matrix, a trilogia e tudo que há ao redor dela né, a trilogia que começou lá com o filme de 1999 lembrando que essa foi a votação da terceira rodada. É a primeira promessa que estamos cumprindo aqui da terceira rodada de votação, que foi Matrix, quem ganhou mais X-Men Evolution e as Crônicas de Gelo e Fogo, então fiquem atentos para os próximos episódios que vão vir aí, você deve estar se perguntando porque não teve Stranger Things, que tinha ganhado a votação anterior porque a gente está empurrando Stranger Things até que a Netflix se digna a estreiar a quarta temporada, porque ninguém aqui é palhaço para fazer um episódio de uma série que está para estreiar a quarta temporada e atrasou, entendeu? Então, quando sair a quarta temporada de Stranger Things, a gente providenciará o episódio da série que já ganhou na votação. Ok, não reclamem, trabalhem. Eu sou aquele que vai resolver a porra toda, aquele que vai dominar todo mundo. Sidney Andrade, mais conhecido como agente Smith, sim, eu vou acabar com seu mundo. (risada maligna)

Sidney Andrade: Estou com eles aqui que tentarão me impedir, mas não conseguirão. Quer dizer, ela não vai tentar me impedir, ela vai me ajudar em troca de bife, não é mesmo? Nossa Cypher aqui, Yohanne Zamboti.

Yohanne Zamboti: Por favor, não me acordem. Se for para comer mingau ralo, não me acordem, por favor.

Sidney Andrade: Também estamos aqui com ele, que já está aparecendo aqui, vindo várias vezes o nosso Salvador, é ele que nos traz aquela nave que a gente precisava para distrair as sentinelas. A Niobe do Estação, o Phillipe Morais.

Phillipe Morais: Também conhecido como o melhor piloto do mundo, pós apocalíptico prazer.

Sidney Andrade: Animado para este conceito, né? Que não é nenhum filme, é um conceito Matrix, não é verdade.

Phillipe Morais: Na verdade, é aquela velha história de Prova de conceito. Estou aí, vamos ver como é que vai ser essa discussão maravilhosa dessa obra, nem um pouco controversa.

Sidney Andrade: Bom e hoje a gente não tem só uma, mas temos duas, sim duas estreias. Eu estou muito orgulhoso de ter 2 novatas hoje. No mesmo episódio, ainda mais num episódio tão legal de se fazer como é o episódio sobre Matrix, porque é a nossa estréia aqui, saindo da fantasia, indo para a ficção científica, temos ela, a nossa gêmea fantasma May Reis. E aí, May?

May Reis: Cuidado que eu atravesso paredes, viu?

Sidney Andrade: Ixi, perigoso. Está bem, May, você está preparada, tá emocionada, tímida, está nervosa? Como é que está?

May Reis: Meu coração está na boca, eu estou falando com as vozes da minha cabeça, uma loucura.

Sidney Andrade: Mas isso é toda terça-feira aqui em casa. Enfim May, que como é de praxe aqui, vamos aqui para a pergunta que não quer calar, você enquanto estreante, levantou a mão para gravar aqui conosco, era ouvinte, passou a participante. Como é que você chegou ao Estação 21? Qual foi essa história? Que caminhos malfadados lhe trouxeram até aqui?

May Reis: Pandemia né, é aquele negócio. A gente fica em casa, não tem ninguém para conversar e aí se afoga no mundo dos podcasts. E quando eu vi eu estava maratonando todos os episódios do Estação, desde o É pedra, É pau até hoje, né? E aí, assim mesmo, tudo eu ouvi tudo.

Sidney Andrade: Todas as fases, né? Mas quando foi que você resolveu entrar para o clube, para o grupo lá dos ouvintes.

May Reis: Quando eu alcancei. Agora sou digna, posso entrar.

Sidney Andrade: Há entendi então uma prova, legal! Bom, mas fica atentos aí ouvintes. Vocês não precisam ter ouvido todos os 120 episódios para entrar, tá pode entrar a qualquer momento. Mas que bom, eu gosto muito quando chega maratonistas aqui, porque também sou um podcaster ouvinte que maratona tudo mesmo. Ai, seja bem-vinda, May puxa uma cadeira e sente-se no chão está bom. E agora, a nossa última participante da noite e a segunda estreia da gravação, ela, que é muito famosa pelos seus áudios lá no conciliábulo e também nos episódios de e-pistolagem. Depois que a gente passou a ter comentários de áudio, não é aquela pessoa que quando aparece lá a mensagem de voz o sorriso se acende no rosto dos tristes. Aquela que traz alegria aos infelizes, aquela que dá o golpe da Garça, faz a câmera parar e girar ao seu redor. A nossa Trinity Deia Jaguará.

Deia Jaguará: Só um minuto, senhora, que estou fazendo o quê aqui, né? Cheguei o que não vou dar Garça, meu querido, situação, vocês que pediram ouvintes, tô aí né.

Sidney Andrade: Olha aí. Ela chegou e estreou ouvintes. Finalmente Deia deu as caras na Estação. Tudo bom Deia?

Deia Jaguarara: Aqui, me cagando, voando e soltando aqui ao mesmo tempo de tanto nervoso, mas estamos aí.

Sidney Andrade: O que isso. Olha, eu vou contar para vocês, mas toda a gravação de um episódio é como se estivesse conversando lá no conciliábulo, assim, a mesma bagunça, entendeu? Só que é em 5 pessoas.

Deia Jaguarara: Então estarei mandando vários áudios Senhora, a tia tá on.

Sidney Andrade: Queremos seus áudios hoje Deia. Mas e aí também, a pergunta serve para você, Deia, como foi que você chegou? Como é que você veio parar aqui?

Deia Jaguarara: Nossa, eu estou tão feliz de estar estreando ao lado da minha copilota você nem sabe, eu cheguei no Estação 9 e 3/4, É pau, É pedra, eu fiquei meio perdida... eu já ouvia muito tempo. E aí eu precisava fazer uma viagem pro Paraná (saindo da Bahia dirigindo pro Paraná), falei eu vou fazer o download de tudo isso aqui e vou ouvir. Cheguei na parte lá e entrei no grupo do conciliábulo, e aí eu perguntei se tinha alguém que podia me acompanhar na viagem, ser minha copilota e Yohanne maravilhosa me acompanhou nessa viagem e ela falou “entra lá no grupo” e eu estou aí até hoje, mandando os áudios de vez em quando, tentando acompanhar a galera.

Sidney Andrade: Que história bonitinha. Quantas horas de viagem essa viagem que você faz sempre?

Deia Jaguarara: Foi 2 dias e meio.

Sidney Andrade: Meu Deus, é uma road trip mesmo, né? Um filme de viagem.

Deia Jaguarara: É, eu voltei do Paraná para Brasília porque eu já tinha acabado ouvindo SAD, que vocês indicaram. Beijo pro Leo.

Sidney Andrade: Maravilhosa. Beijo, Leo. Foi e voltou me ouvindo, não é o que é o melhor jeito de viajar, não é mesmo? Bom, mas é isso, estamos aqui nós 5 reunidos para falar do filme Matrix, a trilogia original e todo o material em sua volta, né? E o que que esse conceito, esse filme, essa obra cinematográfica audiovisual nos trouxe até hoje? O que é que ela impacta? A inclusive na produção cinematográfica de hoje em dia, né? Porque foi um clássico, apesar de lá no conciliábulo ter muitas umas gentes que quando fala Matrix, eles dizem o que é, não sei, nunca vi. Eu fico muito ofendido, mas, enfim. Vamos aí.

(VINHETA DE TRANSIÇÃO: MONTAGEM DE EFEITOS SONOROS)

Franco: Olá, ouvintes da estação 21, eu sou Franco, vocês já devem ter me escutado em algum episódio. Ou não, se não corre lá para me ouvir e me dá um biscoito, eu vim aqui para convidar vocês para o nosso grupo de WhatsApp. É lá que rolam as chamadas para gravar, além de conversarmos sobre os episódios e outras coisas. Em geral, o pessoal é super receptivo e gente boa entra lá para falar com a gente. Quero divulgar também os nossos clubes. Se você quer fazer parte da estação 21, seja na produção de pautas, na criação de capas de identidade visual, editando os episódios, divulgando em nossas redes, fazendo transcrições, escrevendo fanfics e até mesmo assistindo um

filme ou jogando um RPG, é só preencher o formulário. Os formulários para o grupo do WhatsApp e para os clubes se encontram no post do episódio. Um abraço e aproveite o programa.

(FIM DA VINHETA DE TRANSIÇÃO)

2. Contexto

Sidney Andrade: Então, vamos começar de vez esse episódio. Vamos entrar na Matrix, ficar verdinho assim que nem aquelas letrinhas, tudo piscante. Eu estou me sentindo todo verde hoje, né? Todo verde neon para falarmos de Matrix. Como você já sabe, nos nossos episódios de obras escolhidas, a gente sempre divide o episódio em 2 partes, uma parte sem spoilers e uma parte com spoilers. Ok? Então, se você nunca viu Matrix, ou seja, mais de 80% do conciliábulo, né, lá do grupo do Estação um absurdo, vocês podem ficar tranquilos quando a gente for comentar com o spoiler a gente avisa para você se retirar, assistir e votar, nos ouvir. Mas a primeira parte sempre é sem spoilers, então fique tranquilo. A gente vai comentar a obra de maneira geral, sem estragar nada para ninguém. Tudo bom? Então vamos lá, olha só que legal, porque Matrix o nome original é The Matrix. Não, não foi muito original a tradução, tiraram só o the né? Botaram Matrix, né, que é a tradução mesmo, do termo. Matrix é uma produção australiana estadunidense, então tem uma parceria aí também, né? Que foi lançado em 31/03/1999. Você lembra onde você estava em 31/03/1999?

Deia Jaguará: Eu tinha acabado de terminar o ensino médio.

Sidney Andrade: Eu também estava, não. Eu estava entrando no ensino médio.

Yohanne Zamboti: Ai eu era mais criança.

May Reis: Tava assistindo desenho e comendo biscoito.

Yohanne Zamboti: Em 99 eu tava com 8 anos, eu acho.

Sidney Andrade: Com todinho. Eu já era adolescente assim, assim, pré-adolescente eu, uma coisa que eu gostava quando o Matrix saiu é porque em 99 ele estreou no cinema, mas naquela época demorava um pouquinho para chegar. Tanto, no Brasil demorava alguns meses e para chegar no vídeo, demorava mais os meses ainda não é? Então, para home vídeo mesmo só chegou lá para 2000, 2001, né? E aí eu já era adolescente. Eu adorava. Se tem uma coisa tinha uma locadora na minha rua, uma locadora de vídeo k7 e posteriormente DVD, mas na época ainda era o vídeo cassete de VHS. E eu adorava passar por lá, só para ver o cartaz de Matrix, que era gigante. Assim que eles botaram na fachada, sabe? O os 3 lá, o Neo, a Trinity e o Morfeu, todos em pé. Assim, o letreiro verde Matrix, todo bonito. Eu achava muito, muito moderno, né? Aquela iconografia muito assim. Ai meu Deus, é o futuro. O futuro chegou, né?

Deia Jaguará: Muito linda. Não. E as roupas que era aqueles couros. Tudo conceito

Yohanne Zamboti: Tudo couro e látex.

Sidney Andrade: O conceito sadomazo né que foi pras telas e virou né.

Yohanne Zamboti: Quase uma boate de BDSM.

Phillipe Morais: Um futuro sadomasoquista, preto e verde.

Sidney Andrade: Preto e verde, é isso que eu quero para o futuro. Inclusive, né? Eu acho que estaríamos melhor se tivéssemos assim. Matrix é um filme classificado como ação e aventura, né? E ficção científica obviamente que ainda consideram ficção científica como gênero, não como classe, né? E aí eles foram dirigidos, criados e produzidos pelas irmãs Wachowski, que é a Lili e a Lana Wachowski que já já a gente vai falar mais sobre as criadoras mas fiquem com essa informação. E ele é protagonizado pelo nosso queridíssimo (eu não sei se tem alguém aqui que não gosta dele) o Keanu Reeves, embora ele não seja um ator brilhante, ele é um ser humano maravilhoso, não é mesmo? Aí temos, além do Keanu Reeves, temos o Laurence Fishburne, que é outro gato, bicho gostoso da porra, aquele que objetifica todo mundo, né? Mas nos, como eu pegava o Laurence Fishburne, principalmente Matrix. Ele é o morfeus, né? O guia do Neo e eu adorava os oclinhos dele assim, e além dele é o outro grande terceiro nome da franquia, que é a Carrie-Anne Moss dona da porra toda ela que faz a Trinity também lá tudo em látex, o cabelinho parece que está em látex também, né?

Yohanne Zamboti: Ela está embalada a vácuo.

Deia Jaguarara: Exatamente que, diga-se de passagem, não era loira, né, que já é uma coisa maravilhosa.

Sidney Andrade: Não era loira, estava moreninha ali, com o cabelo bem curtinho, quase como fala Joãozinho, aquele que identifica a idade, né? Os cabelos de Joãozinho.

Deia Jaguarara: Que mulher!

Phillipe Morais: Eu me peguei muitas vezes pensando como é que era a logística de enfiar todo esse povo em látex minha gente. Porque não é possível, era muito tempo para vestir aquele monte de roupa.

Deia Jaguarara: Você já usou roupa de látex? Muito talco.

Sidney Andrade: Nossa, nunca usei, graças a Deus eu não tenho a mínima vontade. Se eu já fico assim desconfortável com algodão, com látex, eu ia morrer. Bom, mas gente, a Carrie-Anne Moss também não foi cancelada até hoje não, né? Até hoje, a gente sabe?

Yohanne Zamboti: Até o dia de hoje.

Sidney Andrade: Ainda está aí, se eu não me engano, o último grande trabalho assim o trabalho de grande repercussão que ela tem feito foi o The Handmaid's Tale, não é isso? Ou estou confundindo as Moss? Ah, é a Elisabeth Moss! Eu confundi as Moss! Bom, esse é o trio principal, né? Que protagoniza pelo menos o primeiro filme depois, aí o universo expande mais. A gente vai falar mais sobre isso, né? Mas fique você sabendo que Matrix ele não está aqui à toa. Ele foi o grande responsável por inovar, sim, inovar, transformar, eu diria revolucionar com o perdão do trocadilho, do Matrix Revolutions, né? Até porque o Revolutions foi o que menos revolucionou, não é

mesmo? O Matrix primeiro revolucionou a indústria cinematográfica hollywoodiana por causa da estética, por causa do tema da temática que junta ação com ficção científica e reflexão filosófica, né? É um “massa velho” que faz você pensar, né? E ele também popularizou um efeito visual que, para a época, era muito inovador e hoje já está batido porque foi muito repetido, que é o efeito visual conhecido como bullet time, né, que é aquela câmera lenta que para um frame para dar destaque à uma cena, a mais icônica é essa cena que a Deia fez menção aí na sua apresentação, né? Que é quando a Trinity salta para dar um golpe em vários guardas. A cena para, dá um giro de 360° nela para a gente ver o cenário inteiro em 360° enquanto o frame está parado, né? Isso é muito bonito esteticamente de olhar e ajuda a narrativa também porque eles estão na Matrix, né? Eles não estão na realidade real e ele ficou assim gente, é o Matrix, ele veio assim, chegou, foi o foi uma revolução no cinema, principalmente cinema de gênero, que também era bem menos popular do que é hoje né, essas grandes obras de ficção científica, eles eram bem menos populares, eram mais de nicho, porque quando a gente falou, por exemplo, no episódio de distopia sobre os filmes do daquelas distopias clássicas, que é 1984, Fahrenheit 451 e o Admirável Mundo Novo eram filmes cult, né? De diretores aclamados e cultuados academicamente, mas Matrix trouxe isso para a cultura pop, né? Trouxe a ficção científica para a cultura pop e uma ficção científica também imbuída dessa reflexão filosófica que a gente pode decidir ou não, se ela é hoje em dia tão profunda assim quanto a gente imaginou. Mas, enfim, de toda forma, a gente sai de Matrix 1 que nem um urso do pica-pau, não é? Assim, que está acontecendo? O que foi que aconteceu? O que foi que acabou de acontecer? Pelo menos essa era a reação para a gente na época, né? Hoje em dia, talvez nem tanto, porque Matrix teve muitos, deu muitos frutos, né? No sentido narrativo da coisa, mas naquela época você, inclusive eu só vim entender Matrix há anos depois, entendeu? Era essa coisa. Você entendeu Matrix? Eu lembro que a campanha de marketing da Warner, que é, é um filme distribuído pela Warner Bros, era “o que é a Matrix?”, né. Você iria assistir ao filme para descobrir que diabo é isso, né? Essa Matrix. E aí você descobriu que no final do filme você não entendeu o que era Matrix.

Deia Jaguará: Exatamente, 5 anos depois, você ainda estava lá no início da Matrix, você ainda estava nela que você não saiu, ficava em loop.

Sidney Andrade: Ficava em loop.

Deia Jaguará: Mas assim, o que eu acho mais interessante é o efeito. Eu lembro. Matrix foi o primeiro filme que eu assisti no cinema. Todo mundo reagiu nessa cena, tipo assim, era e até hoje, quando você assiste pela primeira vez, é uma cena muito impactante, o jeito que é feito você é antes e depois de Matrix. Não tem isso aí, não tem como sair do debate.

Sidney Andrade: Essa cena é bonita de ver por que eu lembro.

Deia Jaguará: E é de uma mulher, uma cena forte de luta de uma mulher.

Sidney Andrade: Matrix inteira. Primeira sequência uma mulher dando porrada em vários homens, né?

Deia Jaguará: Exatamente os meninos gostavam porque aquela mulher de couro toda ali, os meninos já ficavam e a gente falava, meu Deus, uma mulher, né? Numa época

que os filmes de ação eram protagonizados somente por homens. Então assim, você já... eu era loira, né? Que eu sempre falo isso. Nossa.

Sidney Andrade: Representatividade morena aí, né? Bom, Matrix teve duas continuações que foi Matrix Reloaded e Matrix Revolutions, as 2 continuações também inovaram no sentido de que, antes de Senhor dos Anéis, foi aqui Matrix, que foi produzido duas continuações simultâneas, né? Senhor dos Anéis foi filmado também, se eu não me engano, o 2 e o 3 foi filmado junto, né? O Matrix fez isso antes, né? Porque de 2001 a 2003, foi uma produção que durou mais de 4 anos, eles lançaram o segundo e o terceiro filmes em sequência no mesmo ano. Então Matrix Reloaded, que é o segundo, o Reloaded foi lançado em maio de 2003 e o Revolution foi lançado em novembro. Ou seja, tem um espaço aí de 6 meses entre um e outro, e você fica assim embasbacado também, porque o Reloaded termina com um cliffhanger, né? Que conecta ao começo do Revolutions, é quase como se fosse em um filme só mesmo, né?

Phillipe Morais: Eu tinha comentado isso até numa conversa que a gente estava no grupo, que embora seja dividido como 2 filmes, para mim eu sinto como se fosse um grande filme de 4 horas. Porque eu sinto o último filme como um grande terceiro ato, sabe aquelas 2 horas daquela batalha gigantesca absurda enquanto a parte do desenvolvimento está ali no segundo filme, e o próprio fato dele ser cortado, aquele coito interrompido no meio. Eu acho que é muito um filme grande de 4 horas que foi dividido na metade. E a gente sabe, né? Por motivos óbvios.

Sidney Andrade: Acho que a Yohanne ia falar isso, né?

Yohanne Zamboti: Eu ia falar que essa foi a primeira vez que eles dividiram o livro em 2 filmes só que não tinha havido no caso.

Sidney Andrade: Não tinha livro, exatamente. É essa, a sensação que dá e o triste disso é que isso hoje em dia causa impacto na recepção. Não é, tipo assim, não é mais tão legal pelo menos para mim, não sei vocês, mas não é mais tão divertido assistir o Reloaded e o Revolutions, quanto eu achava que seria pela minha lembrança do que foi assistir no cinema. Porque eu os 2 filmes no cinema eu esperei uns 6 meses para ir ao cinema para assistir o Revolutions. E assim, a experiência do cinema foi completamente diferente do que você tem hoje que você pode dar o play logo depois, né? Mas isso a gente pode falar quando a gente estiver falando mais especificamente dos filmes em si, mas isso também já prova, não é? Duas tendências que vieram a se tornar prática de Hollywood também, começaram aqui com Matrix e a gente geralmente não associa Matrix que é primeiro, alongar o máximo para ter o máximo de lucros, né? Porque Warner cresceu o olho para a franquia, que não era uma franquia que não esperava. Não ia nem ser fraquinha, né? Ia ser um filme único, tanto é que para o filme um termina em si mesmo. Ali você não precisa assistir o dois e o três, o primeiro te deixa satisfeítíssimo, você não precisa continuar, mas aí foi o começo ali dos anos 2000, o boom da internet e tal, e o sucesso de bilheteria, a Warner quis ganhar mais com isso e tornou em franquia e dividiu em 2 partes, o que vai acontecer com O Senhor dos Anéis depois, o efeito que a gente conhece hoje, como efeito Crepúsculo, né? Que é você dividir uma obra só em 2 partes para alongar mais e a franquia durar mais nos cinemas, hoje em dia a gente associa mais a crepúsculo, mas já está aqui desde Matrix.

Sidney Andrade: Bom Matrix, ele é considerado uma obra fundamental e eu disse fundamental, olha só, a importância, para a estética Cyberpunk e se você não sabe do que se trata, a estética Cyberpunk ou quer saber mais sobre a estética Cyberpunk, eu digo para você, aguarde uns diazinhos que o próximo episódio, episódio seguinte do Estação 21, vai ser sobre Cyberpunk, então a gente juntou os 2 sistemas aqui, um juntinho do outro, para você ficar sabendo como é estética, mas aí tem a ver com Matrix também, que é esse futuro distópico, é mais calcado na decadência informacional, das tecnologias que estavam bombando ali na virada do milênio, né, inclusive é uma estética muito calcada naquele terror que a gente sentia por causa do famigerado bug do milênio. Quem lembra o bug do milênio, gente?

Deia Jaguará: Nossa, eu lembro de assistir ao Jornal Nacional na véspera, assim, e aí falava que o dia de amanhã poderá amanhecer diferente. Gente, a bolsa de valores, eu lembro que caiu o tal do bug do milênio. A gente estava entrando na era, né, do celular. Eu ficava assim, gente?

Sidney Andrade: A internet começando, né? Os computadores pessoais também estavam começando e ele vem bem nesse boom aí. O bug do milênio, gente, nada mais era do que o medo de que os computadores fossem parar de funcionar, porque os programadores só tinham, as datas eram só com 2 dígitos, né? E o ano estava indo passar de 99 para 2000, aí eles temiam que o ano fosse passado de 1999 para 1900 e isso fosse dar um crash no sistema computacional do mundo, sabe?

Deia Jaguará: Porque 99 para 00, e aí, tipo, aí, meu Deus, agora estamos perdidos aqui.

Sidney Andrade: O grande temor era esse e spoiler aí da vida: nada aconteceu, está bom. O bug do milênio passou incólume, não existiu. Foi só esse medo mesmo. Aí porque a gente estava com essa novidade das mãos, né?

Deia Jaguará: É, ele chegou em 2020, né?

Sidney Andrade: Demorou 20 anos.

May Reis: Alguém ali e esqueceu de prever 2020.

Sidney Andrade: Pois é verdade, bom. Mas esse foi o grande e primeiro fim do mundo, que a gente teve foi de 99 para 2000. Essa virada do século, porque a gente é burro e não sabe que o século vira de 2000 para 2001, né? Seus trouxa. É por isso que o mundo acaba. O ano 2000 ainda é século 20.

Deia Jaguará: Eu sei, eu briguei muito por isso já.

Sidney Andrade: Exatamente. Eu brigo, século 21 é só a partir de 2001, prezados, então a gente só virou um século e, conseqüentemente, só virou o milênio de 2000 para 2001. Então, por isso que deu errado o bug, entendeu? Por isso que não veio o fim do mundo que a gente esperou. Bom, mas vocês acham que pararam por aí? Não, porque Matrix também inaugurou uma coisa que é muito famosa hoje em dia na mídia, né? No audiovisual mundial que a gente atribui muito a outra obra que mais popularizou mais isso que foi Lost a série, mas o grande boom da transmidialização e da intermidialização, ou seja, as histórias contadas através de várias mídias e essas mídias se conectando e contando a mesma história em uma, completando a outra, foi

popularizado com Lost, mas começou com Matrix, né? Porque, além dos filmes para 2003, também foi lançado uma série de curtas metragem que contava a história também. Sim, além de um jogo, né? Que também contava a história. Ou seja, você assistia os 9 curtas-metragens, jogava o jogo, o jogo contava parte da história e quando você ia assistir ao filme você tinha também já um background maior sobre o contexto do segundo filme, né, do Reloaded e do Revolutions.

Deia Jaguará: Dinheiros, né, dinheiros.

Sidney Andrade: Dinheiro, muito dinheiro para Warner. A Warner jamais acertou depois disso. Ela acertou com Harry Potter, né? Mas depois, nunca mais. E o fato é que Matrix é conhecidíssimo até hoje por causa dessa sua característica transmidiática né? Você é consumida Matrix por várias mídias, não só o cinema e vale ressaltar que eu acho que pode ser virar até um episódio do Estação, mas transmidialidade e intermidialidade não é só você ter a mesma obra em diversos temas, mas que elas não se encontram. A obra ela se completa nos diversos, nas diversas mídias. Então é o jogo o Enter the Matrix que a gente vai falar brevemente hoje, que foi lançado, ele não era só um jogo que você podia jogar, que era no universo de Matrix. Não, ele contava a história da nave lá da Niobe, entendeu? E como é que ela entra no enredo de Matrix Reloaded, entendeu? Então você conhecia também outras partes da história que compunham a obra inteira, que essa é a característica da transmissibilidade. Esses são os dados técnicos aqui, para você ter uma ideia do que significa Matrix hoje, para a cultura cinematográfica audiovisual. Vocês têm mais algo a acrescentar sobre isso?

Deia Jaguará: Significa Revolutions.

3. As irmãs Wachowski

Sidney Andrade: Então, dado o contexto geral da obra como um todo, vamos agora falar das criadoras de Matrix, né? As idealizadoras, as diretoras, elas fizeram a porra toda. Sim, estamos falando das irmãs Wachowski que todo mundo conhece né? As irmãs Wachowski que elas são famosíssimas.

Deia Jaguará: Parece lá daquele filme Wazowski.

Sidney Andrade: Do Monstros S. A. né? A Boo dizendo... Bom, temos quem? Temos a Lily Wachowski, que nasceu em 1967, e a Lana Wachowski, que nasceu em 65. Elas são diretores, produtores, roteiristas, elas fazem de um tudo na indústria Hollywoodiana, desde sempre, até hoje, né? O grande primeiro hit delas foi Matrix, e nasceram na cidade de Chicago, no estado de Illinois, Estados Unidos. O dado interessante que a gente vai ter que falar é sobre a transição de gênero, né? Delas, das irmãs Wachowski, uma coisa que me deixou muito incomodado na pesquisa dessa pauta é, como todas as matérias sobre Matrix e sobre as irmãs Wachowski é que sempre colocavam o nome de batismo delas de antes da, da transição entre parênteses. E aí eu ficava assim, puta merda vocês não aprendem nada, né? Mas bom, se você quiser saber, nos créditos de Matrix mesmo, ainda está o os nomes delas de batismo, porque elas ainda não tinham transacionado, né? Quando fizeram Matrix, né? Então,

elas, elas não tinham nem admitido nem declarado a sua transgeneridade. São 2 mulheres trans, né? São irmãs e são mulheres trans no caso, né?

Deia Jaguará: 1999, né, gente?

Sidney Andrade: 99, exatamente. É um dado interessante, vai ser interessante esse dado da transgeneridade delas para a obra delas, que a gente vai falar depois de um pouquinho o que elas fizeram depois de Matrix? É, mas também para o próprio Matrix, porque apareceu aí uma interpretação nova, né? Para Matrix, é em vista do dado que foram 2 mulheres trans que fizeram e vale um dado aqui, se você não compreende gente, elas já eram mulheres trans mesmo antes da transição, tá? Porque ninguém vira trans, assim como ninguém vira gay, né? Ninguém vira trans. Elas já eram mulheres trans as identidades de gênero também são perenes. Perenes que eu digo assim, vem com o sujeito, é claro, que você pode fluir de gênero, mas isso não significa que você vira e depois você é assim... não é para dizer aí quando ainda quando elas eram homens. Está errado, elas já eram mulheres trans, elas só não tinham efetivado ou feito a transição ou declarada sua transição, porque a gente também não sabe nem como elas viviam na sua vida íntima, né? Mas para Hollywood eram 2 homens fazendo, só que hoje a gente sabe que eram 2 mulheres, ok? Não sei se ficou claro, né? Porque muita gente confunde isso hoje em dia e fala que os filmes eram dos Wachowski e hoje em dia, por exemplo, Sense 8 é das Wachowski e aí a gente tem que corrigir. Não Matrix é das Wachowski também, né? Elas não deixaram de possuir, né?

Yohanne Zamboti: Como se fossem outras pessoas que tivessem, além de ter transacionado, mudou de pessoas.

Sidney Andrade: E perderam autoria, né? Ai elas fizeram antes da transição não é mais delas, né. É não para com isso viado, respeita.

Deia Jaguará: É gente, o pessoal não aprende que a única coisa que você vira é panqueca na frigideira, entendeu? É o máximo que você vai virar na sua vida, pelo amor de Deus, eu acho. Assim, eu não atribuo a falta de conhecimento, não sabe Sidney, eu acho que é proposital, é para ficar tipo assim bem evidente, sim, olha aqui. Elas eram com o nome de batismo. Aí fizeram Matrix, aí transicionou, entendeu? Para toda uma questão assim, mas eu acho muito chato você ir pesquisar e está lá ainda, sem necessidade, né?

Sidney Andrade: Eu fui olhar e tipo assim. Eu li muitos artigos antigos, né? Obviamente, da época que ainda tinha o nome delas e, portanto, o nome de batismo delas. E era OK porque são artigos da época. Mas tipo assim, tem artigos de 2019, 2020 com parênteses, Lana Wachowski, entre parênteses o nome de batismo pré transição. Eu ficava, gente, 2021 não né? A gente ainda está nesse atraso de vida. Bom, mas passado esse meu ranço, né, porque a pauta foi eu quem produziu, eu só queria deixar essa nota aqui, né? É vale um detalhe, assim que a primeira a admitir, né, a declarar a sua transição de gênero foi a Lana Wachowski, que ela já declarou em 2012. Mas nessa declaração ela afirmou que ela já tinha se declarado para a família e amigos desde 2002, ou seja, já na produção de Matrix (da continuação), ela já vivia como mulher trans, então nem que as pessoas quisessem valia, não é nem se fizesse sentido esse argumento de ar quando elas fizeram Matrix. Elas ainda não eram trans. É sic, né? É mesmo que esse argumento valesse, não, não, não está valendo, porque a Lana já tinha

se declarado trans desde 2002, né, que foi antes do lançamento de Matrix Reloaded. E a Lily Wachowski, né, que é a mais nova, ela só declarou a sua identidade de gênero, né? Sua transexualidade. Em 2016, pouco antes do lançamento da série da Netflix, Sense 8 que foi um outro o segundo grande hit, né? Das Wachowski depois de Matrix, porque a gente vai combinar, talvez que foram. Foi uma sequência de flops delas, né? Mas ela só declarou porque a imprensa estava muito em cima dela e ela queria declarar nos termos dela, e não que ela fosse tirada do armário, sabe? Ela foi obrigada a falar da sua transição de gênero porque a imprensa estava muito em cima assim, embora ela também já tivesse falado com a família, com amigos e já vivesse como mulher trans em seu no seu foro íntimo, aí muito antes de 2016. Aí você percebe o quão é transfóbica a cultura ainda e a imprensa no sentido de forçar uma pessoa para fora do armário para que a sua declaração não seja nos termos dos outros, seja nos seus próprios termos, né?

Deia Jaguará: Triste, né?

Phillipe Moraes: Difícil demais. Difícil.

Sidney Andrade: Então respeitemos a identidade de gênero das Wachowski de agora em diante está bom. Foram elas que fizeram Matrix e foram AS Wachowski, as mulheres Lana e Lilly, OK, elas são muito multifacetadas nas obras delas, porque elas são muito nerdzinha, geekzinha, sabe, elas gostam de HQ, elas escrevem também histórias em quadrinhos, além de séries e filmes. Ela também escreve histórias em quadrinhos E tudo que você possa imaginar de contar histórias, elas estão, estão metidas, né? Tanto em produção, quanto em roteiro, sabe criação e tal e.

Deia Jaguará: E RPG, né? Jogo também.

Sidney Andrade: Isso exatamente, elas são bem dessa culturazinha nerd, e tal e elas tem muitas influências que fogem o circuito Hollywoodiano, né? E a gente vê isso até em Matrix. Já não é, tipo assim, a as influências que Matrix tem de animes e mangas, né? O próprio Ghost in the Shell. A gente não pode deixar de mencionar, não é mesmo? O filme, o filme japonês lá que se você for ver ao mesmo conceito de Matrix e tal, elas já tinham várias inspirações que ultrapassavam essas barreiras eurocêntricas, né? Que era só essa criaçãozinha eurocentrada, elas já estavam ali pensando para outros lados, inclusive a própria. Essa filosofia que a gente vê No Matrix também tem um pouquinho de hinduísmo também, né? Ali, com o pessoal do Oráculo e tal, tem um pouco, apesar de ser uma história essencialmente uma jornada do herói, né? Se a via crucis do senhor Jesus Cristo Neo. E aí, hoje em dia elas não aparecem muito na imprensa, elas preferem ficar preservadas, até porque a imprensa não dá sossego a quem é LGBT, principalmente quem é trans. Pessoas trans sofrem mais com isso na imprensa, né? Elas estão mais dedicadas a trabalhar a causa trans, né? E no seu transativismo né. Elas são bem engajadas no transativismo, ao contrário de certas autoras que a gente falava aqui antigamente, não é mesmo? Koff, Koff. Bom, é isso sobre Wachowski que assim a biografia né, é elas é realmente não tem muito o que saber da biografia delas porque elas não revelam muito, né? A ambas são casadas. Estão vivendo a vida delas trabalhando na indústria ali de Hollywood. Estão tão de boa, né? Na nada muito controverso, a não ser o aspecto trans fóbico da questão, né, da vida delas. O aspecto que de como da reação transfóbica a as identidades delas. Isso bom, e aí os trabalhos,

vamos aí, eu eu listei aqui os trabalhos de maior renome, para vocês terem uma noção assim, de que realmente elas acertaram muito em Matrix, mas depois foi, foi um flop atrás do outro. Eu não digo necessariamente que são coisas ruins, porque a maioria das coisas são elas, só não estão, sabe, você não está preparado para essa conversa (um meme do Twitter) às vezes eu acho que as Wachowski são assim, entendeu? Elas fazem umas coisas que a gente ainda não está pronto para assistir.

Deia Jaguará: Na época, né? Talvez agora.

Sidney Andrade: Elas roteirizaram o filme assassinos que é com Antonio Banderas em 1995. Isso foi antes de Matrix. Eu não, não sei, não conheço os filmes. Se vocês forem conhecendo você não dizer aí, né? De 1996, o filme também é delas, o filme Ligadas pelo Desejo, mas aí, em seguida, o grande trabalho delas foi como produtoras do filme V de Vingança de 2005, né isso aí já foi pós Matrix. O V de Vingança elas não são diretoras, mas elas quem produziram, famoso “lembrai e lembrai lembrai o 5 de novembro”.

Deia Jaguará: E é um dos filmes que você falou aí que a gente não estava preparado, né?

Sidney Andrade: E porque é uma adaptação de uma HQ também, não é? E é sobre desobediência civil e tal, inclusive V de Vingança, tá nas votações aí para entrar no nosso calendário. O próximo grande trabalho delas foi em 2008, que elas adaptaram. Eu não sei o que estava passando, não tinha nada para fazer nesse ano, porque elas adaptaram Speed Racer em 2008.

Phillipe Moraes: Ai eu tenho que defender que eu gosto muito desse filme. Podem me odiar, mas eu amo esse.

Sidney Andrade: Eu não assisti, eu não cheguei a assistir, até porque eu detestava. É um anime, né? Speed Racer é um anime de corrida, né? E aí eu fiquei ué, que filme que fizeram esse negócio? Único dado que eu sei desse filme é que é com o Matthew Fox, que é o Jack de Lost. Na época só me chamou a atenção por isso, porque tem o Matthew Fox.

Deia Jaguará: É aquele que ensina a gente fazer aquaplanagem?

Phillipe Moraes: Eu não lembro dessa cena da aquaplanagem não porque faz muito tempo. Faz muito tempo que eu vi, né, gente? Acho que da época que lançou, acho que deve fazer, sei lá, uns 7 anos que eu não vejo, mas eu lembro que eu amava muito. Eu não sei se era criança dentro de mim. Aquele filme é um surto de cores, de efeitos visuais na sua cara.

Sidney Andrade: Psicodélico.

Phillipe Moraes: É psicodélico demais. Eu acho que se você tomar um ácido, comer um cogumelo e assistir aquele filme, você deve ter a melhor viagem da sua vida. Mas eu entendo quem não gosta.

Deia Jaguará: A gente não está orientando, tá?

Phillipe Moraes: Não, absolutamente não faça por sua conta e risco.

Sidney Andrade: Bom, em 2009, elas produziram um filme chamado Ninja Assassin, daí vocês verem como elas são ecléticas, porque tipo assim, elas estão envolvidas em obras de vários gêneros, aí. Dirigiram também o outro grande nome depois foi A Viagem, um filme de 2012 que é o Cloud Atlas, né? Que ninguém gostou. Eu também não assisti, mas confesso que pelo que o pessoal falou, não tenho vontade porque me parece, sabe? Me parece A Viagem, a novela, sabe? Inclusive, é o mesmo nome em português. Eu acho que não foi à toa. A pessoa que traduziu o nome e lembrou da novela, porque essa pegada muito espírita sabe assim, se eu já tenho ranço com narrativa católica, eu vou destilar meu ranço com narrativa católica aqui em Matrix, você calcule com a narrativa espírita. E o Cloud Atlas meio que tem isso, essa coisa de através das vidas e tal, mas isso sou eu, o céticozinho aqui, sabe? O agnóstico. Então se vocês, se vocês gostam, podem gostar, está liberdade religiosa. Ainda vivemos num país laico, apesar de não parecer.

Deia Jaguará: Amei. A May tem que falar que eu tenho certeza que ela assistiu o Destino de Júpiter.

May Reis: Assisti porque tem o Eddie Redmayne, e talvez eu seja, cadelinha do Eddie Redmayne. Mas o filme não é bom. Muito ruim, fiquei decepcionada.

Sidney Andrade: Não é bom, ele está péssimo nesse filme péssimo, péssimo. É a partir daqui o Eddie Redmayne que é mais conhecido como o Ned Scamander, né? A gente aqui do Estação conhece ele como Ned Scamander desde a franquia Animais Fantásticos, mas também não assisti. E aí, depois de Destino de Júpiter, aí é que tem a única outra obra das Wachowski que eu assisti que foi o Sense 8 da Netflix.

May Reis: A melhor coisa da Netflix, é isso.

Phillipe Moraes: Ai maravilhoso.

Sidney Andrade: Que também está no formulário, mas não ganha nunca.

Phillipe Moraes: Quem fala que é só putaria viu errado.

Deia Jaguará: Quem fala que é só putaria não fez a relação é do filme 2, com o próprio Sense 8. É a mesma coisa, né, gente?

Sidney Andrade: Pois é, se vale salientar que Sense 8, ele estreou em 2015 na Netflix, foi até 2018. Teve um probleminha de produção aí. A Netflix quase cancelou, cancelou, né? E aí, o público, fã agiu e a Netflix deu as Wachowski a chance de terminar a série com um filme. Então um desfecho lá? Então tem um finalzinho Sense 8. É muito boa, embora hoje eu já percebi alguns problemas ali de representatividade que, né, a gente não cansa de problematizar, mas se Sense 8 ganhar e vocês vão descobrir o que é, mas sei que é uma série que eu indico.

Deia Jaguará: Eu também acho maravilhosa e foi com essa série que eu consegui desmistificar várias coisas na minha cabeça, visualmente e para muitas pessoas, entendeu sobre preconceitos e aí é uma coisa, vamos colocar aqui, né? A gente na vida a gente vai se desconstruindo, mas eu venho de uma cidade pequena, tá? Então assim foi a partir de Sense 8 que eu comecei a ver séries e aquela questão da do visual mesmo, de ver 2 mulheres juntas, 2 homens juntos, pessoas juntas, e isso ficou gente é a coisa

mais normal. Naturalizou exatamente essa palavra, naturalizou inclusive, assim. Então eu falei, por que que eu não era assim antes?

Sidney Andrade: E você percebe em Sense 8 que é esse grande esforço das Wachowski de trazer o isso que é da vida delas, é essa questão da transição de gênero delas para as telas, porque elas gostariam de fazer narrativas mais diversas, mas a indústria durante muito tempo não permitiu, né? A gente vai ver em Matrix. Inclusive tenha algumas coisas nesse sentido, mas vocês só vão saber na parte de spoilers, ó aí, esse aqui É o Fim da nossa parte biográfica das Wachowski vamos agora só para a sinopse de Matrix para sem spoilers para a gente encerrar a parte sem spoilers, está bom?

4. Sinopse

Sidney Andrade: Será que eu vou dar o meu jeitinho? Vou dar do meu jeitinho a sinopse, se vocês me permitem. Que que acontece, tem lá o menino Anderson, não é? Anderson, ele é um hacker muito hacker, hacker aqui, né? Lá hackeando todos os sistemas e tal. Ele está naquela vidinha de merda de funcionário de escritório. De repente recebe uma mensagem no computador, que diz pra ele seguir o coelho branco. Várias referências, né? Filosofia, Alice no País das Maravilhas e tal, ele segue uma mulher que é a Trinity. E aí ele vai ser apresentado a todo um conceito de que a realidade que ele conhece não é real, é fabricada e que, na verdade, todos os seres humanos estão enclausurados em uma realidade fora da realidade, como baterias para alimentar toda uma comunidade de robôs, porque o advento dá inteligência artificial foi tão grande que os robôs é entraram em guerra, as máquinas no caso, não os robôs. As máquinas entraram em guerra com os humanos, os humanos, para tentar derrotar as máquinas. foram burros, porque é isso que os humanos sabem fazer. E aí? É que o que é que eles fizeram é como as máquinas eram movidas a energia solar. Eles disseram, então vamos aqui cobrir o sol com neve e com nuvens, que tal né? Que vale ressaltar é uma ideia que o Bill Gates estava tendo esses dias, né? Para diminuir o aquecimento global, não é verdade?

Deia Jaguará: É exatamente, fácil.

Sidney Andrade: Vamos cobrir o Sol, vamos botar uns para sol aqui, porque aí elas não se alimentam. E o que elas fizeram? Sabe o que gera energia também é conexões neurológicas de seres humanos. Então vamos transformar todos você em pilhas, colocar as suas consciências nessa realidade virtual.

Deia Jaguará: Vamos te conectar pelos seus vários ou orifícios.

Sidney Andrade: Vou equalizar você igual a Pit, né? E aí, a humanidade, essa grande, essa grande colheita de energia para alimentar a comunidade de máquinas que hoje domina o mundo devastado e destruído por causa dessa guerra entre humanos e máquinas. Essa é a sinopse simples, tá bom?

Deia Jaguará: Com algum responder, gente.

Sidney Andrade: É só alguns. É porque assim né. Não tem como também não é.

Deia Jaguará: Se você não assistiu Matrix, né? Por favor, né?

Sidney Andrade: Mas também eu acho que nada que eu falei estraga a sensação de maravilhamento que você vai ter quando o Neo vai descobrindo a cada coisa, sabe? Assim, aos pouquinhos e tal. Mas a sinopse, uma sinopse sem spoiler mesmo é se resumiria só a o Anderson. É a jornada do Anderson tentando descobrir o que é a Matrix. Não disse nada, né?

Deia Jaguará: Sem spoiler é assim: o que é Matrix?

Sidney Andrade: O que é a Matrix e, ao mesmo tempo, é com spoiler, porque você termina com a mesma pergunta, o que é a Matrix? Então, gente, aqui é a parte onde a gente encerra sem spoilers ou com spoilers moderados, né? Se algo do que a gente falou estragou a sua experiência, você realmente você não merece assistir Matrix e eu queria dizer isso, né? Não, por favor, é tudo que a gente falou aqui, não estraga a experiência de assistir Matrix. Encerramos aqui a parte sem spoilers agora, de agora em diante, pode se retirar. Se você não quer de saber sobre as minúcias dos plots dos personagens, porque a gente vai discutir detalhadamente os 3 filmes e um pouquinho mais, os curtas e o game na verdade. Se der tempo, se não der tempo, fica para depois.

Deia Jaguará: É importante ressaltar que Matrix entrou na Netflix. Todos os 3 filmes, então tem lugar para assistir.

5. Com Spoilers

(VÍRGULA SONORA – Trecho do filme Matrix: Eu sei exatamente o que quer dizer. Deixe que eu diga por que está aqui. Está aqui porque sabe de uma coisa. Uma coisa que não sabe explicar, mas você sente. Você sentiu a vida inteira. Que há alguma coisa errada com o mundo. Você não sabe o que é, mas está ali como uma farpa em sua mente. Deixando-o louco. Foi essa sensação que o trouxe a mim. Você sabe do que eu estou falando. Você quer saber o que é Matrix?)

Sidney Andrade: Bom, então vamos aqui para os spoilers, prezados. Um por um, tá bom, começando por The Matrix ou Matrix. Lançado em 1999, a sinopse é aquela que eu falei já na parte, sem spoilers, né? A sinopse continua valendo para cá. Só que a gente vai destrinchar um pouco mais a partir dos personagens e da função que cada um cumpre na história, porque é spoiler já adiantado o plot de Matrix é o plot é por excelência da jornada do herói que a gente já deve ter falado aqui em algum episódio do Estação 9 e 3/4.

Deia Jaguará: Acho que a gente já mencionou uma jornada bem messiânica, né? Assim, você vê que ela vem contando toda a historinha ali da via crucis e você vai acompanhando, né? Um pouco rançoso, mas nada de novo no espaço universo federal.

Sidney Andrade: É a gente que está acostumado, a gente que veio da estação 9 e 3/4 e está acostumado com o Harry Potter, que também é uma jornada do herói messiânica também, né? A gente está meio que acostumado assim, quando a gente cria ranço da jornada do herói, e é fácil, a gente se apega tudo o que está ao redor e eu acho que é esse o grande charme de Matrix, porque é uma obra que tem essa jornada do herói, mas que não tem nada interessante ao seu redor, ela cai no esquecimento logo, sabe e tudo, tudo que a gente já falou até agora, de Matrix sem spoiler, já é interessante o bastante sabe, para ela se manter relevante hoje em dia para não ser só mais um uma jornada do herói que nem as milhares de jornadas do herói que a gente conta aí, né? O Neo, o herói por excelência, essa personificação do Harry Potter do Jesus Cristo do Superman é aquele, é o homem virtuoso que descobre uma verdade, se transforma, tem uma ressurreição e volta para casa para transformar o seu universo e salvar todo mundo, né? Então tá bem marcadinho isso em todos os filmes, inclusive, vai marcar ainda mais porque tem continuação vindo e a continuação só ressalta o quão jornada do herói a história de Matrix é, mas aí a gente vai chegar lá no final, não vamos falar de Matrix 4 agora. Mas saiba que tem previsto, né?

May Reis: É o maior morre ressuscita da jornada do herói que existe. É Matrix.

Phillipe Morais: Pensei que era Dragon Ball Z.

Sidney Andrade: Também, né?

Yohanne Zamboti: Me fala gente, quem mais ressuscitou que Goku nessa vida?

Sidney Andrade: Verdade, Goku maior que Jesus Cristo, não é porque Jesus Cristo só ressuscitou uma e mesmo assim ressuscitou para ir embora, não é?

Deia Jaguará: Mas se temos que falar de jornada de herói, é A jornada de herói, né?

Sidney Andrade: É a jornada, Matrix é a jornada.

Deia Jaguará: É muito visual, não é? Visual, trilha sonora é muito, então, tipo assim, eu estou aqui para jogar a jornada. Apesar dessa palavra jornada tá na minha cabeça, eu estou lembrando do BBB, mas tudo bem, vamos jogar a jornada aí.

May Reis: Lumena autorizou?

Sidney Andrade: Bom, enfim, mas vamos as personagens aqui do primeiro filme porque a gente discutindo o papel de cada um, a gente acaba discutindo o plot do filme inteiro, né? Temos o Neo, né, que é o Keano Reeves, ele é o protagonista, o herói, né? O grande Messias. O Neo, ele tá, ele é o protagonista. Ele que vai ser acordado da Matrix, né? Sendo guiado pelo Morpheus, a gente fala já. Mas ele é um funcionário de escritório padrão.

Deia Jaguará: Um xovem padrão lá dos anos 99 né, que está o que ali, no mundo da computação de dia, é uma coisa de noite é outra, não é bem Clark Kent, mesmo assim, e aí ele é esse xovem, né, que está querendo ganhar os corre dele.

May Reis: Uma boa realidade brasileira. O funcionário público, servidor público.

Deia Jaguará: É ele sou eu.

Sidney Andrade: Eu sou ele. Eu também. Me senti atingido, está May, mas se eu for o Salvador também.

May Reis: Não foi ofensivo. Você pode ser o Neo. Quem sabe não?

Sidney Andrade: Mas o interessante do Neo é que é a realidade do Neo ela traz para a gente o que determina um pouco essa estética Cyber punk que é essa vida decadente numa sociedade tecnologicamente avançada, né? Assim, está datado para 1999, mas a gente já vê essa, essa, esse cansaço da tecnologia e o peso que ele cumpre no cotidiano das pessoas, né? E o Neo é a epítome disso, né, que é esse ser humano que tem que escapar de qualquer maneira, e ele escapa é sendo hacker, fazendo trapanças na internet lá na deep web, com coisa que era muito mais prodigiosa, se é que se pode dizer assim, lá na década de 90, né? Quando começou a internet do que hoje em dia. Então ele. Daí você tira o quão decadente é a figura do Neo. Se você aplicar o contexto, né? Ser um hacker no contexto do Neo é totalmente diferente do que a gente conhece como hacker hoje em dia, né? Como esse perito em computação? Hoje o Neo seria o cara daí, né? Só que ele não é, né? Em 1999 não tinha o cara da TI. E aí ele vai se tornar o escolhido que vai salvar todo mundo dessa maldição que é a Matrix, né? Que é estar conectado a esse programa. Grande programa de computador que enclausura todo mundo que, dominado pelas máquinas do mundo que estão lá no mundo real, né? O grande mote do filme é que a gente não está vivendo a realidade real. A gente está vivendo uma realidade simulada para estimular nossos corpos e eles produzem energia.

Deia Jaguará: Eu vejo assim também aquela parte dele. Ele está incomodado com isso, né? Ele não está satisfeito, então isso já começa ali no início do filme, você vê que ele também está procurando algo. Né? Ele, ele não, não está satisfeito, essa vida dele essa monotonia aí ele vai buscar, não é? Vai em busca de algo aqui, não é? É onde você já começa também ser instigado assim dentro do filme. Então o início do filme ele já vai te preparando para o que vai vir.

May Reis: É o mito da caverna moderno, né? O Neo é o grande filósofo saindo da caverna.

Sidney Andrade: Exato. É essa é a grande primeira reflexão, não é? Eu acho que é que salta mais aos olhos que o filme Matrix pelo menos o primeiro ele é o mito da caverna de Platão, revisitado. Se alguém não conhece o mito da caverna de Platão, o filósofo, né? O grande é homossexual da Grécia antiga, como diria OraTiago. O mito da caverna, de acordo com Platão, era a filosofia de Platão. Ele pregava que existe um mundo real e o mundo das ideias, e que só os filósofos tinham acesso ao mundo real. O mundo ideal, né? O das ideias, o mundo das que não é das ideias, que é o mundo das sombras, é essa caverna na qual a gente não vê o que é real, a gente só vê a sombra do que é real e cabe ao filósofo através do conhecimento, se desacorrentar, né? Dessa caverna que a qual você está preso e enxergar a luz de verdade e não há sombra e enxergar o objeto de verdade, não há sombra do objeto que está projetada lá na parede da caverna, então, para Platão, o que a gente vê aqui no mundo real são suas sombras, do que existe de verdade num mundo ideal. E essa grande alegoria de Matrix. Mas tem mais alegorias, até porque o Platão é um pouco antigo, não é? Teve mais filósofos depois dele e elas também se inspiraram. Já, já a gente, fala depois temos Morpheus interpretada pelo Laurence Fishburne, ele é líder da resistência dessa resistência humana, que foi

acordada, despertada, ou seja, alguém retirou ele da Matrix e ele encabeça hoje em dia essa resistência para encontrar o escolhido de acordo com uma profecia, agora temos um tropo conhecido nosso, não é mesmo? Profecia também.

Yohanne Zamboti: Todo dia. Isso.

Sidney Andrade: A jornada do herói também é tem muito de profecia, e o Morpheus acredita que o Neo é esse escolhido que vai libertar todos os humanos da Matrix, né? Que vai desconectar todo mundo. Para eles verem o mundo real como está, e ele é o idealista e o guia do Neo nessa jornada aí dele.

Deia Jaguará: É a busca dele, né, da vida dele é encontrar o escolhido, né?

Sidney Andrade: A missão de vida dele.

Deia Jaguará: A missão dele é encontrar o escolhido, então ele aquele primeiro encontro que ele tem assim, eu acho que o Morpheus ele sempre acreditou, entendeu? Ele é a pessoa assim, Eu Acredito sem ver. Eu Acredito, Eu Acredito, ele escolheu, acreditar. Depois a gente vai ver nos filmes seguintes, né? Mas...

Sidney Andrade: É cada para cada pessoa dos 3 que a gente falou, o Morpheus, a Trinity e o Neo cada um foi no Oráculo, que é uma pessoa que ainda a gente vai falar e o Oráculo é uma profecia para cada um, né? E é a soma das 3 profecias que acabam confirmando que o Neo é realmente o escolhido. Então. E pra o Morpheus o Oráculo disse que era ele quem iria encontrar o escolhido, né? A profecia do Morpheus era essa e ele acreditou nessa profecia, não é? Então e a gente vê que o Oráculo, ele não é uma questão interpretativa, né? Ele é taxativo na lógica do filme. O Oráculo ele sabe, de fato, não é uma questão de interpretação o que ele comunica, né? Ele como A Oráculo no caso, é uma mulher, né? Sempre ela faz a profecia, a profecia pode não ser sempre clara, mas ela é taxativa, ela não tem margem para interpretação como as outras profecias.

Deia Jaguará: Ela acontece.

Sidney Andrade: Então vamos para a Trinity, a Carrie-Anne Moss. Trinity ela faz o terceiro papel aqui dessa Trindade. Não à toa, o nome dela é Trinity, não é mesmo? Estamos falando de messianismo, não é? Temos uma Trindade aqui. O pai, o filho e o Espírito Santo. Ela está na nessa resistência também. Ela também já foi desconectada da Matrix e ela está ajudando o Morpheus nessa jornada de encontrar o escolhido, ela também recebeu uma profecia do Oráculo que disse para ela que ela iria se apaixonar pelo escolhido, eu acho que aí é onde caga um pouco, não é Matrix?

Yohanne Zamboti: Sim.

Sidney Andrade: Pra que isso, gente? E aí é onde as críticas a personagem da Trinity caem né? Principalmente a crítica feminista. Ela está ali para servir o protagonista homem, né? Então, por mais que seja foda uma mulher abrindo o filme, né? A Carrie-Anne Moss abrindo o filme com uma sequência bastante longa de dando porrada em vários homens sozinha, né? E dando aqueles golpes e aquele show de cinematografia é muito legal ver isso com uma mulher e para isso o Matrix teve esse mérito, mas o papel que a Trinity, cumpre no roteiro, na jornada inteira, ele é bem estereotipado para

mulheres, no padrãozinho do que é esperado no papel de gênero. Sabe, assim, isso incomodou.

May Reis: Completamente, porque, tipo assim, ela, você vê que ela é claramente uma mulher forte e foda para caramba antes do Neo aparecer no rolê. Aí, depois que ele começa aparecer, ela vai se desfazendo de quem ela é, para se tornar a mulherzinha do Neo é isso aí, péssimo.

Sidney Andrade: A própria profecia que determina o papel dela que é, é você vai saber quem é o escolhido, porque você vai se apaixonar por ele e tipo assim, sério, essa mulher só vai se apaixonar por uma pessoa na vida, e é isso? Ela é a virgem Maria, sabe, é tipo assim, ela vai ter que aguardar o eleito, né? Até chegar para ela salvar o mundo nesse papel de mulher Santa e Imaculada, porque é o amor dela que vai determinar quem é o escolhido que vai indicar, né? Tipo assim, porque o Morpheus, tem dúvida sobre a profecia dele. Porque a profecia dele diz, você vai encontrar o escolhido, mas quem vai saber quem é o escolhido é a Trinity, porque ela vai se apaixonar. Ou seja, o dado afirmativo, quem dá é a Trinity, no sentido de que você se apaixonou por esse cara então ele é o escolhido e aí ela é um personagem que está fadado a amar um homem só, isso é muito católico, sabe.

Phillipe Moraes: Eu tinha esquecido completamente apagado da minha cabeça o quão forte era esse pote deles 2 ficarem juntos desse destino e da profecia dela. Tanto é que a hora que chegou no filme e ela falou da profecia, eu disse, gente, é isso, é muito ruim. O que que aconteceu aqui gente estava indo tão bem até agora.

Deia Jaguará: A Trinity ela aparece na primeira cena forte tudo. Você descobre que ela é uma hacker. Ela começa a guiando Neo e depois vai lá no Oráculo, aí a Oráculo disse, você vai se apaixonar aí, beleza, você pode se apaixonar, isso não é um problema. Um grande problema não está na questão de você se apaixonar, mas é de você, justamente ficar fadado a isso.

Sidney Andrade: O seu papel é se apaixonar.

Deia Jaguará: Eu ainda consigo quando eu revi os filmes essa semana eu já revi, né? Com isso, isso sempre foi uma coisa que à época a gente tem que confessar, gente, eu lá, com meus 17/18 aninhos, era muito romântico, era muito lindo, maravilhoso. 1999. Todas as meninas ainda eram invocadas, ensinadas para namorar, casar e ser de um homem só. Hoje, para mim, é inconcebível. Meus quase 40 anos. Eu quero ter 3 ou 4, tá bom, é, está bom, a gente vai com os chush da vida.

Sidney Andrade: Tá certíssima.

Deia Jaguará: Isso, aquela época, se você, a gente, a gente tem que pensar um pouco, a gente, ainda bem que o mundo, a gente vai outra palavra que usa muito mais vai se desconstruindo algumas coisas, isso é verdade, né? Olha como a gente está debatendo já com esse olhar, mas se você se jogar lá em 99 era lindo o cinema, que é aquele beijo, aquele beijo, aquele amor, aí porque eu sei que você vai sobreviver, porque o Oráculo disse que eu me apaixonaria.

Sidney Andrade: Porque eu sou nossa Senhora.

Deia Jaguará: Exatamente. Por quê? Porque a gente vai para o lado messiânico, né? Tem que ter a pura. Ela não podia ser só forte. Quase uma mulher sensual. Ela não pode ter essa imagem. E aí, atrelaram essa imagem, eu acredito assim essa imagem, mas ela está vendo, mas ela também é doce, ela ama um homem só, é pura, casta.

Sidney Andrade: Ela bate nos cara, mas é uma mulher de bem, entendeu? Uma mulher pra casar. Enfim, a Trinity era um personagem muito foda, mas que envelheceu mal, não é? Infelizmente, a Trinity envelheceu mal, graças ao machismo. Infelizmente, perdemos um personagem. Em seguida aqui temos o agente Smith, que é interpretado pelo Elrond de Senhor dos Anéis, também conhecido como Hugo Weaving, muito famoso esse ator, ele é excelente no papel de Smith, inclusive, né atorção é faz muito bem, mas o Agente Smith, ele é um agente, né? Existe na Matrix, dentro da Matrix, enquanto sendo um programa de computador, ela tem seus antivírus ali, né? Seus firewalls. Né? Que na época não era esses termos, né? Mas foi essa representação que usaram, como os agentes que cuidam da ordem do código, né? E aí, quando eles vêem alguma anomalia, eles vão lá e consertam. Mas a gente Smith, é um desses agentes aí desses programas de computador que ele meio que se diferencia, né? E daí você vê, é o surgimento aí de uma autoconsciência também, né? Já que fomos dominados por inteligência artificiais, o Smith, ele acaba ganhando uma personalidade própria. Ele é muito fanático, né? Pela sua missão, sua jornada. Sangue nos olhos. E depois a jornada dele a gente pensa que acaba na história dele. A gente pensa que acaba no final do primeiro filme, mas depois a gente vê que no segundo filme ele volta pior ainda né. E graças ao Neo, né? O que é irônico, também trágico, já que a gente tá falando de um conceito assim de jornada do herói também tem esse conceito aí da tragédia grega que o herói também sempre causa a sua própria tragédia, né? Então, o Neo foi responsável por causar o agente Smith nos 2 outros filmes que vai virar o vírus que vai dominar a Matrix, porque ele tem, aqui na análise, ele tem motivações niilistas. Vocês já pararam para pensar nisso? Ó, a gente já falou de Platão ali, filósofos aqui, né? Tem mais filosofia. O Smith em algumas interpretações, né? Ele, ele representa essa, essa, essa corrente filosófica que é o niilismo, que é a falta de sentido para toda a existência, então porque a existência não faz sentido ele age dessa maneira autodestrutiva, né? E ele assimila todo mundo para todo mundo ficar igual ele, porque ele não percebe sentido nas coisas, né?

Deia Jaguará: É uma busca também, não é, por ele quer ver um sentido, né? E aí ele vai no segundo filme, no último, que aparece mais isso, mas assim o que eu tenho para falar do personagem. Primeiro do autor que é, eu acho que não existiria Neo se não existisse ele, a interpretação é muito boa quando quebra o óculos dele gente. Aquela cena da luta que quebra os óculos dele, que eu vejo ele morde os dentes.

Sidney Andrade: E ele fica passada chocada, não é?

Deia Jaguará: Ele range os dentes, entendeu? E naquela época, é num tinha a estética assim da boca. Eu olhei nossa, mas olha, realmente não, não fazia um clareamento nessa época. Aí isso que me faz refletir hoje, inclusive, assistindo Matrix como a gente está realmente numa vida simulada muitas vezes, todo mundo está aí se fazendo, sabe, todo mundo bota os dentes, tudo branco, todo mundo usa o cabelo do mesmo jeito. Às vezes essa excentricidade que a gente vê ali que por isso que eu falo toda vez que eu

assisto Matrix eu começo a fazer os meus devaneios, entendeu? E eu fui lá Júpiter voltei igual ao filme.

Yohanne Zamboti: Eu ia comentar aqui nessa questão da estética, principalmente se a gente for parar para pensar, a gente está incorporando aí assimilando tudo, né? A gente, praticamente agentes sendo todos iguais ultimamente, porque não tem. Eu estava vendo uma moça que postou fotos de atrizes da década de 50/60. Se elas estivessem, se tivessem a estética das atrizes atuais ou das pessoas famosas atuais e uma das coisas que ficou mais gritante foi como elas ficaram todas iguais. Assim, o estilo, a remasterização, a modelagem que eles fizeram nas fotos como ficou muito padronizado e a gente tem isso, né? E outra coisa do agente Smith, que eu vejo, pelo menos no nível interpretativo, é que ele representa a consciência artificial, porque quando a gente estava lá em 99, eu acho que essa não era uma discussão muito, muito falada ou não era muito diferenciada da inteligência artificial. Que a inteligência artificial a gente tem a rodo aí né? Siri, Google Home não, né? Agora consciência é você dar máquina isso que ele passa a apresentar mesmo sonhos, sentimentos, desejos, missão, que são coisas que não são da inteligência artificial.

Sidney Andrade: É, que bom que você mencionou essa diferença, porque é muito do que teóricos da comunicação e da informática hoje teorizam, que é tipo assim, gente, calma lá com a história da singularidade, não é todo mundo com medo, né? Dessa grande inteligência artificial que vai se unir numa grande consciência e dominar o mundo. O pessoal diz calma lá, porque são coisas diferentes. Inteligência é uma coisa e consciência outra. E hoje em dia nós temos inteligências artificiais, mas não temos consciências artificiais porque até agora não é pelo menos até março 2021, não temos consciências artificiais, ou seja, criadas automaticamente como é O Smith, não é? O Smith começa como um programa de inteligência artificial, mas ele adquire consciência, né? Ele, se ele questiona da própria existência, né? E é isso que faz ele tomar as atitudes que ele vai tomar. Nos outros 2 filmes, que é tentar, inclusive, passar para o mundo real, porque ele está atrás do Neo pra destruir esse escolhido aí d dominar a Matrix.

Phillipe Morais: Ai gente eu ia só comentar para terminar aqui a história do Smith como eu acho maravilhoso que esteticamente, os agentes da Matrix, na verdade são um monte de almofadinha, sabe? Com muitas carinhas brancas de terno e gravata. Aquela imagem do corporativismo, eu acho isso maravilhoso. Eu acho isso de uma ironia tão boa.

Sidney Andrade: É bem sutil, né?

Deia Jaguará: Cabelinho na régua, não é? Os cabelinhos com gel da época que ele gel azul.

Sidney Andrade: Executivozinho de grandes capitais aí...? Só homens brancos, somente brancos. Eu acho que é uma crítica que as Wachowski estão fazendo, sim, inclusive como mulher trans, né? Tipo assim, como é que a gente é dominado por um bando de gente igual e eles não são iguais atores, não, eles são iguais no sentido de que eles são todos homens brancos de classe alta, né? Que que andam de terno, não é essa gente que manda na gente assim, né? Eu acho que é uma crítica proposital.

Deia Jaguará: É a higienização humana, os homens que fazem higienização social.

May Reis: Até porque eles podem virar qualquer pessoa, qualquer pessoa pode acabar sendo necessária que eles assumam a forma sei lá como que explica isso?

Sidney Andrade: Eles tomam a forma de qualquer avatar, de qualquer pessoa que está na Matrix. Né? Eles assumem e isso tem a outra teoria filosófica aí nessa capacidade dos agentes de poderem assumir qualquer Avatar que é, aí gente vou citar Foucault, maravilha. Outro filósofo aí, mas não é da Grécia antiga Foucault que a foi o grande crítico da vigilância, né? E tipo assim, eles também são essa personificação do filme, dessa, dessa corrente filosófica que diz que todos estão vigiando, se vigiando, né? A todo a todo momento, né? O agente é a autoridade de vigília da Matrix, mas não só na figura do terno e gravata, mas também na possibilidade de ele poder assumir qualquer pessoa, o que significa dizer que dentro da Matrix, qualquer pessoa está te vigiando, né? E essa é a sociedade da vigilância que a gente discutiu nas distopias também. Essa crítica é muito mais clara em distopias, a crítica a vigilância constante e aos regimes que autoritários, que utilizam da vigilância para dominarem, mas a vigilância é não parte só de cima para baixo. Ela também é uma mentalidade que faz com que o seu vizinho esteja te vigiando também e que você se sinta vigiado pelo seu vizinho, né?

Deia Jaguará: E que você acabe vigiando os outros nas redes sociais e tudo mais...

Sidney Andrade: Isso. Todo mundo é agente de vigilância e está sendo vigiado ao mesmo tempo, não é nessa sociedade aí? Foucaultiana, não é que o Foucault fala aí que é a sociedade que a gente vive, né? Até hoje. Mas para mais informações ouça o nosso episódio de distopias, que está mais claro ali. Então já citamos já 3 filósofos aqui foi parar além de Platão, não, se não se resume Platão, não em Matrix, porque tem muito mais. Aí a próxima personagem relevante do Matrix é a Oráculo, que é a Gloria Foster.

Deia Jaguará: Ai, incógnita da minha cabeça.

Sidney Andrade: Ela é interpretada, interpretada por 2 atrizes, porque a Gloria Foster acabou falecendo durante as gravações do Matrix 2 e 3, né? Ela só está no 1 e no 2. No terceiro é outra atriz, a gente vai falar já o nome dela quando chegar lá. Mas ela está só nos 2. E aí eles tiveram que inclusive fazer uma alteração no roteiro para justificar a ausência. O pior de tudo que foi respeitoso, né?

Deia Jaguará: Respeitou e ficou bom, ficou coerente.

Sidney Andrade: Sim, coerente. Exatamente, o Oráculo é uma senhorinha, é que faz biscoito. A vovozinha, né gente? Muito muito fofinho. Eu queria morar ali na casa do Oráculo, ela é um programa de computador da matriz.

Deia Jaguará: Adoro, é o café, biscoito e o cigarro.

May Reis: E ainda tem a balinha, que toda hora ela oferece uma balinha pro Neo...

Sidney Andrade: Bom, o Oráculo, ele é um programa Oráculo. (A Oráculo, eu tenho que aprender), ela é um programa da Matrix também. Ela não é um ser humano, só que não faz sentido existir, né? Esse programa na Matrix porque ela é onisciente, ela sabe de tudo que vai acontecer na Matrix, É Ela que dá as profecias, né? E ela que sabe

que o escolhido vai, vai, é o que vai acontecer com o Neo enquanto escolhido, né? Quando a gente descobre que o Neo é uma anomalia ali, depois, mas ela é onisciente. Depois a gente vai descobrir que ela se opõe a outro programa de computador igualmente poderoso, só que opositor a ela, né? Que é o arquiteto, né? Que eu gosto muito quando isso aparece, que é tipo assim, há uma força feminina que aconselha com sabedoria e uma força masculina que oprime, que é o arquiteto, não? É, e então aí a gente vê esses 2 opostos e agora, de uma maneira, para mim é menos problemático do ponto de vista do gênero, mas também, se vocês quiserem problematizar me fale se tem problema, mas também do ponto de vista que a gente também insere aqui outro tipo de filosofia que é aquela filosofia de que qualquer sistema de crenças tem que ter 2 polos opostos que se complementam, não é, então, o Oráculo, esse, esse agente da ordem ou agente do caos, né? O Oráculo, porque o Oráculo ele promove o caos, né? Porque ele está ela está ajudando a revolução, enquanto o arquiteto, esse agente da ordem, que é opressor e não à toa um homem, né? Que quer manter a ordem da Matrix a todo custo. Inclusive fazendo com que o escolhido faça a escolha errada toda vez, né?

Deia Jaguará: Comunista, é? Entendeu? Ela é vermelha. Vocês não falaram ainda isso é um filme comunista, porque tudo é vermelho. Vermelho entendeu exatamente.

Sidney Andrade: Mas nos Estados Unidos a cor do partido republicano é o vermelho azul. Porque depende...

Deia Jaguará: Não sei, estadunidense, eu sei que é ao contrário.

Sidney Andrade: Nos Estados Unidos, são os cozinhas que são vermelho.

Deia Jaguará: Porque eu lembro muito que essa discussão da questão do Oráculo é inclusive, né? Matrix já foi base aí para muita, muita monografia. Em sociologia, em filosofia, é o próprio serviço social também que discute, né? Muitas situações dessa e o Oráculo, ele, ele é sempre. Cada um artigo desse que eu li, as pessoas interpretam as vezes o Oráculo de não, não há uma convergência, sabe? E aí eu sempre. Por isso que eu falo que ela é uma incógnita. Ela é o caos.

Sidney Andrade: É, eu gosto muito da Oráculo justamente por causa disso, porque ela, ela é indecifrável. E ela é realmente indecifrável.

Deia Jaguará: Até o final.

Sidney Andrade: Até o final, tipo assim, aquele finalzinho, assim que ela está conversando com a menina e ela num deixa claro, se você vai acontecer de novo ou não. Bom, tem um quarto filme chegando é que a gente já sabe que vai acontecer de novo, né? Mas ela é misteriosa, ela é taxativa, eu já falei, né? As profecias dela são taxativas, mas a personalidade dela não é, né? Até porque também existe outras correntes filosóficas aqui na cena do Neo com o Oráculo, que é aquela questão de livre arbítrio que ele faz, que ela previa que ele ia quebrar o vaso.

Deia Jaguará: Aí a questão da escolha.

Sidney Andrade: E aí ele se pergunta, bom, se você sabia o que eu ia fazer, como é que é uma escolha e tal? E tem todo esse debate dos debates filosóficos, religiosos, existencial, inclusive, né, que é o livre arbítrio. Se ele existe mesmo ou se alguém sabe

tudo, como é possível, né? Tem o livre arbítrio dentro da Matrix e Oráculo, sabe tudo que vai acontecer, né? Um.

Deia Jaguará: E que vai muitos antagonizar no segundo filme, né? Que aí vem a questão que não, não são escolhas, né.

Phillipe Moraes: É sim, exatamente.

Sidney Andrade: Não atoa, na parede do da cozinha tem a frase profética, lá do Oráculo de delfos, que é, conhece a ti mesmo, né verdade? Então, que também olha que voltamos aos homossexuais da Grécia antiga, está vendo, gente? Pensa. Conhece-te a ti mesmo é um jargão que remete lá o Oráculo de delfos, que é assim não importa o que o Oráculo vai falar, só vai importar o que o Oráculo vai dizer na medida em que você conhecer a si mesmo, conhecer o que você é capaz, que você não é capaz do que você pode que você não pode, né? Tanto é que ela fala, o Neo pergunta, mas como é que eu vou saber que eu sou? Aí ela fala, isso não é tipo assim, você sabe por que você vai fazer não porque você é o escolhido, mas porque você vai querer fazer e é isso que você é.

Deia Jaguará: Porque é como se ele já escolheu, entendeu? Porque é o que ele é.

Sidney Andrade: Uma discussão meio de predestinação também, né? Tem um pouco disso assim também, né? Mas o conhece-te a ti mesmo nesse sentido, aqui em Matrix para mim, ele opera nesse sentido que você já é aquilo que você foi predestinado. Você só precisa agora saber o que você é.

Deia Jaguará: E como você vai fazer.

Sidney Andrade: E como você vai fazer, que é uma visão filosófica com a qual eu não concordo. Eu não acho que as pessoas são predestinadas.

Deia Jaguará: Eu também não.

Yohanne Zamboti: Eu ia comentar isso agora porque a questão toda do livre-arbítrio, que é uma questão, uma questão moral, filosófica, religiosa, é contraditória, pelo menos do ponto de vista religioso. Porque se as pessoas têm livre arbítrio logo, não pode ocorrer predestinação. Para mim uma coisa ela anula outra. Você não tem como escolher uma coisa que foi escolhido para você. Relembrando mais primeiro filme que foi a única coisa que eu reassisti, a Oráculo inclusive chega a dizer que ele não é o escolhido, que ele só tem uma missão que ele vai escolher se ele vai ou não salvar a vida do Morpheus, que vai chegar um momento em que ele tem que decidir se o Morpheus morre, ou ele vai tentar impedir isso.

Sidney Andrade: É a profecia que ela dá pro Neo no primeiro, né?

Yohanne Zamboti: Isso, que ela dá para ele. Ela deu uma profeciazinha para cada um. É porque ela dividiu, ela parcelou uma profecia com várias pessoas para conseguir que o grupo todo cumpre, e aí o fato dele querer salvar e a forma como ele salva é um meio de prova, porque é uma coisa que nunca ninguém fez, então, se ele conseguiu, é porque ele é o escolhido claramente né.

Sidney Andrade: Verdade, é porque no esforço para salvar o Morpheus é que o Neo se percebe capaz de fazer aquilo que ele faz, de transgredir a Matrix, né de enxergar o código e de suplantar os agentes, né? Porque nenhum ser humano conseguia, mas como ele se provou o escolhido ali no processo de querer salvar a todo o custo o Morpheus que se tornou um amigo para ele, a vida do Morpheus era mais importante naquele, naquela ocasião, do que a própria noção da, da revolução, né ou dos rebeldes? Foi aí que ele entendeu que ele era o escolhido porque ele acabou se tornando ali, naquele esforço e tal, né?

Deia Jaguará: Eu acho também que sim, que a gente tem que colocar aqui que a Oráculo é a manipuladora, não é?

Phillipe Moraes: Sim, por favor, bastante.

Deia Jaguará: Ela é a manipuladora. Gente, vamos dizer que ela está assim, ela está manipulando desde o início para chegar ao fim diferente daquilo que ela quer.

Yohanne Zamboti: Mas se você sabe de tudo, é claro que você vai gerir as pessoas em torno disso.

Sidney Andrade: E é por isso que ela é agente do caos, porque assim ela sabe de tudo o que significa que ela sabe como ajudar a revolução, né, os rebeldes e ela ajuda os rebeldes, por isso que eu gosto tanto da Oráculo, porque ela é um agente do caos na medida em que ela é onisciente, mas ela escolhe o lado dos rebeldes em contrapartida ao arquiteto, sabe, só para afrontar o macho branco só.

Deia Jaguará: Exatamente, e vamos dizer que ela escolheu isso várias vezes, né? Seis vezes né? Ou seja, no sétimo dia descansou.

May Reis: Mas o que eu acho legal é que normalmente esse agente do caos, ele está do lado contrário aos bonzinhos da história. É o agente do caos é tipo, vamos lá rebeldes, façam a revolução e é isso aí.

Phillipe Moraes: É a figura do caos mais popular que a gente tem é justamente o Coringa do Heath Ledger que é totalmente oposto da Oráculo, por exemplo.

Sidney Andrade: E eu acho que isso que é tão encantador em Matrix, não a nível consciente para a maioria das pessoas, mas é isso, é, a gente está muito acostumado que o elemento caótico seja vilanizado, o que não é verdade na vida real, porque a vida real é caótica por si e isso não é bom nem ruim, mas em Matrix o caos, ele é em prol dos mocinhos, não é? O caos ajuda a os mocinhos a cumprir a missão.

Deia Jaguará: É a base, né. O caos, ele é a base, é aqui.

Sidney Andrade: Eles não estão enfrentando o caos. Eles estão enfrentando a ordem. É por isso que é um filme revolucionário, né?

Deia Jaguará: Exatamente por isso que a pílula vermelha.

Sidney Andrade: Mas depois eu vou, vou polemizar este tom revolucionário de Matrix, já já. Inclusive nós vamos passar adiante aqui para o próximo personagem, que é aquele que vai trair os amigos para comer bichinho não é, Yohanne? O Cypher, que é o Joe Pantoliano ele está ali. Ele é um agente duplo, né?

Yohanne Zamboti: Foi cooptado.

Sidney Andrade: Eu acho que não foi cooptado não, acho que ele é ruim mesmo.

Yohanne Zamboti: Eu não estou dizendo que ele era bom por causa disso, mas tipo assim, eu acho que originalmente, ele não era infiltrado, sabe?

Sidney Andrade: Ele foi retirado da Matrix, faz parte da resistência lá com o Morpheu, com a Trinity e com Neo, mas ele detesta estar no mundo real. Ele, tudo que ele quer é voltar para a Matrix, ou seja, voltar para aquela realidade simulada com a qual a gente estava acostumado, porque a realidade real é muito, muito mais cruel, né? Então, faz um pacto com o demônio, faz um pacto com Agente Smith aí para atrair o pessoal dos rebeldes e ele acaba sendo um dos vilões, junto com o Agente Smith, e vai trair o pessoal, e vai morrer no final.

Deia Jaguará: É alienação que chama né? Eu acho que é a fuga da realidade.

Yohanne Zamboti: Não, não é só porque assim, pensando no quesito de alienação mesmo, eu nem tinha pensado nessa palavra. Mas eu lembrei do vídeo do OraTiago também que assisti recentemente, tudo que eu quero em 2021 é estar alienado, porque a realidade não é boa. Não é boa, mas eu entendo no sentido de que, por exemplo, quando ele faz os questionamentos de liberdade, e que tipo de verdade é essa porque assim, beleza, eles estavam presos, sendo escravos de máquina. Isso não é legal e errado, mas eles foram também retirados dessa situação contra a vontade dele.

Sidney Andrade: O Morpheus sempre dá escolha a pílula, a cena.

Yohanne Zamboti: Ele dá escolha, mas ele não disse que a realidade não é verdade.

Sidney Andrade: Claro que ele diz tem toda uma cena mostrando o céu preto amigão, ele fala e diz assim, o mundo está uma merda, você tem 2 escolhas, continuar aqui e tomar a pílula azul ou tomar pílula vermelha e sair daqui, e o Cypher escolheu todo mundo que está ali escolheu o problema do Cypher é que ele se arrependeu da escolha que ele fez.

Deia Jaguará: Ele é o Judas na história gente.

Yohanne Zamboti: É claro, o Neo é Jesus..., mas uma escolha, eu não estou defendendo a atitude dele. Mas uma escolha de alguns minutos de realidade e viver naquela realidade não é uma escolha justa.

Sidney Andrade: Entendi, claro, sim. Faz sentido, claro.

Yohanne Zamboti: Não estou dizendo que a jornada dele, a escolha dele de fazer isso, era muito mais fácil ele ter virado para o Morpheus e falar assim, porra cara, não estou gostando mais disso aqui não. Você me bota lá de novo?

Deia Jaguará: Não tem como, né? Aí vamos falar aqui: o medo da realidade. Quando a gente cai em si e você tem que encarar a sua própria realidade. O medo às vezes faz a gente tomar atitudes que quando a gente repensa, talvez a gente não tomaria e eu vejo que aí eu vou pegar uma palavra aqui que o pai de todos já disse muitas vezes que, no sentido que ele me explicou, na última live pra quem ouviu que é a questão da nostalgia. E aí eu trago aquela sua reflexão, sabe, Sidney, que você colocou que às vezes

a nostalgia pode nos levar a isso, entendeu? Ele não soube encarar. Ele colocou um bife como desculpa, entendeu? Mas não é.

Sidney Andrade: E só está lembrando do que é bonzinho do que é legalzinho, né dentro da Matrix.

Yohanne Zamboti: Exatamente, tanto que ele quer voltar sem memória. Ele quer voltar.

Deia Jaguará: Ele quer voltar como rei, ele vendeu a alma pra voltar com rei, ele não quer voltar para a realidade, ele quer ficar alienado, alienado mesmo.

Yohanne Zamboti: Sim, sim, porque se você está num lugar, eu, um outro questionamento que eu ia fazer com a questão do Neo, quando a gente, estava falando dele que era ele. Ele estava lá, vivendo a vida dele, de proletário, mas será que ele teria se instigado em procurar a Matrix, o Morpheus etc., se ele fosse um cara rico, vivendo os privilégios dele no alto da sociedade que ele estava?

Sidney Andrade: Sim, faz sentido. Nem todo mundo vive a mesma realidade dura, não é a realidade igual pra todos.

Deia Jaguará: Aí vem a questão do eu revolucionário, né? Quem é o eu revolucionário aí, né? Quem são as pessoas, são as pessoas que estão incomodadas com a ordem, né?

Sidney Andrade E que sofre com a ordem né, é quem está na base.

Deia Jaguará: É quem está na base, geralmente é quem vai se movimentar.

Sidney Andrade: Porque, de acordo com o que a Yohanne falou, eu acho que é muito mais difícil, eu vou estar te repetindo Yohanne e se for tu me diz, é porque eu me perdi aqui no leitor de tela, mas eu acho que, por exemplo, pro Morpheu que ele recruta as pessoas, para tentar tirá-las da Matrix, eu acho que é muito mais fácil tirar uma pessoa da classe baixa do que, por exemplo, um rico empresário. E tipo assim, para esse empresário a escolha não é difícil... Estadão, não é uma escolha difícil, entendeu?

Yohanne Zamboti: Exatamente.

Deia Jaguará: Aí a gente pode colocar a questão dos privilégios, né? Quem é que quer deixar seus privilégios pra formar uma base?

Sidney Andrade: E eu acho muito interessante que esse agente aí do recrutamento dos rebeldes sejam um homem negro, eu acho muito representativo. Porque ele é o guia do protagonista. É um protagonismo branco e esterilizado. Ainda é, mas sabe o papel que o peso que está no fato de que o guia do escolhido é um homem negro, né? É o guia da revolução também, né? Um homem negro, o líder da revolução. Eu acho isso muito representativo assim. É claro que eu tô falando aqui no meu lugar de branco, né? Os ouvintes ou pessoas negras que estejam nos ouvindo aí podem me falar se, se houver algum problema nessa minha interpretação, mas eu acho, eu acho bem representativa. Assim, nesse sentido, é uma leitura que eu faço, né? Mas posso estar errado por causa do meu privilégio branco.

Phillipe Morais: Eu posso até complementar, porque eu tinha percebido ao rever, eu não, eu não tinha percebido, né? Eu percebi revendo que uma das coisas que elas

conseguiram que as irmãs não conseguiram fazer na franquia é colocar personagens, não brancos em papéis importantes. Sem ser uma questão sem profundidade. São personagens muito importantes. A Oráculo é uma mulher negra, o Morpheus é um homem negro, 2 dos membros da Nabucodonosor são negros. Outros 2 membros são mulheres, ou seja, você vê aí permeando todo filme que não é uma coisa assim. Sabe aquela coisa, vamos jogar alguém aqui para cumprir a cota do negro fodão do filme, que é uma coisa muito comum nos filmes de ação do começo dos anos 2000, sabe?

Deia Jaguará: Sabe o que que passou agora aqui pela minha cabecinha, que é o seguinte, se você, se a gente falando do que a gente estava debatendo agora pouco a base da sociedade, as pessoas mais oprimidas que saíram da Matrix, eu acredito que é só coerência entendeu?

Sidney Andrade: E é sim, pretos e pobres, não é? Isso é o que a nossa sociedade é a revolução vindo de baixo.

Deia Jaguará: Então latinos e tem latinos a latinos também, né? Num segundo filme a gente vê aqui. Eu não sei se é asiático.

May Reis: E se a Matrix reproduz realmente uma sociedade ali da década de 90 nos Estados Unidos. É realmente o latino, o negro que está por baixo mesmo que é o povão e, enfim, faz todo sentido realmente.

Sidney Andrade: É o que eu acho que só enfraquece o filme é o fato de que o Neo é o grande representante do homem branco europeu, né, que é o salvador branco. No fim das contas, é um grande filme do salvador branco, né? E aí a gente pode ir é, inclusive, amenizar essa minha interpretação aí do Morpheus, porque o fato dele ser um homem branco, padrão heterossexual assim que é o que vai falar, tipo assim, não era para ser os agentes, né? Os homens hétero branco, por que o Neo é um homem hétero branco, por que ele não é um homem negro? Por que que o Neo não é uma mulher negra, sabe? Uma mulher trans negra.

Phillipe Moraes: Ai, ai, aquela coisa que acho Deia que falou né 99.

Deia Jaguará: Dinheiro, dinheiro. 1999, dinheiro.

Sidney Andrade: É isso, mas eu acho, e eu acho que as Wachowski, elas, elas já tinham em vista isso. Mas a indústria não lhes permitiu. Eu vou me dar o direito de querer e imaginar isso, sabe? De que elas só não fizeram porque não puderam, sabe?

Deia Jaguará: Mas com certeza eu acredito, inclusive, de todos os embates, você imagina lá em 99. A pré-produção deve ter começado que 94/95 por e você está fazendo elenco, entendeu? Você pré-produzir, você, escolher os atores. Eu sei que até outras pessoas foram convidadas, né? Antes do Keanu Reeves para fazer.

May Reis: Inclusive uma pessoa negra que eu estou trazendo aqui a informação.

Deia Jaguará: E aí, o que que acontece aí, Hollywood, gente.

Sidney Andrade: O Will Smith foi para foi cogitado para ser o Neo. Seria tão mais legal.

Deia Jaguará: Só que assim você vê, se fosse o Will Smith, como é que seria?

Sidney Andrade: Mas se for por outro lado, podia ter sido o Nicolas Cage também. Então a gente talvez tenha um meio termo aí entre o céu e o inferno. Já que não podemos ter tudo...

Deia Jaguará: Fica pelo menos um que não está cancelado até a data de hoje. Beijo.

Sidney Andrade: Ai gente, vamos aqui algumas curiosidades do filme Matrix de 1999. A gente já falou aí dos atores. Foram convidados para o Neo, teve o Smith e o Nicolas Cage, ambos recusaram. Hoje temos o fofinho do Keanu Reeves. Ai lembrei da piada, não é? Na entrevista de emprego. “Data de nascimento, 23/09, que ano? Reeves.”

Yohanne Zamboti: Marjorie Estiano não é a única que sofre com piadas de ano.

Deia Jaguará: Eu vim aqui para isso eu vim aqui para ir para só ouvir a piada do pastor.

Sidney Andrade: Então, olha só, tanto é um ícone da reflexão filosófica pós-moderna Matrix que uma frase do filme se tornou título de um dos grandes filósofos pós-modernos que é o Slavoj Žižek, que eu não sei pronunciar o nome dele, ninguém sabe. Inclusive o meu cônjuge é fã desse filósofo, já leu quase tudo dele, mas um dos livros dele se chama O Deserto do Real, né? Que é uma frase do Morpheus para apresentar o Neo a Matrix, né? Ele fala, bem-vindo ao deserto do real e aí tem o Slavoj Žižek, que, como ele, ele é filósofo, ele faz muita crítica filosófica a obras multimidiáticas contemporâneas, ele foi falar do simulacro da simulação na contemporaneidade, ele intitulou o livro como o deserto do real, para falar sobre a pós-modernidade, essa era que a gente estava vivendo. Olha só, tem uma teoria que diz que tem uma teoria, não uma corrente interpretativa de fãs que diz que, na verdade, se você parar para pensar, o escolhido não é o Neo, o escolhido é o Smith que que vocês acham?

Deia Jaguará: Eu amo essa.

Yohanne Zamboti: Eu acho que depois das nossas reflexões aqui é bem provável mesmo.

Sidney Andrade: Será? E quem ela se baseia porque ele, que foi quem causou toda revolução dentro da Matrix, né? Foi ele quem destruiu toda o programa.

Yohanne Zamboti: É porque se você pensar que Neo é o bug, né, o Neo é um ser humano diferente, então é uma anomalia isso, uma anomalia. Pensar no agente Smith, ele é assim a primeira anomalia da Matrix, porque ele é o primeiro agente que cria consciência e começa a quebrar o sistema, né? As ordens que ele tava programado, porque assim, se o escolhido é alguém que vai chegar e ele é uma anomalia e ele vai mudar a ordem das coisas faz mais sentido a anomalia vir direto da máquina. Teoricamente o Neo é um ser humano.

Deia Jaguará: O que eu acho que pega aí, que não dá certo, é porque o Smith só se torna o Smith mesmo depois que o Neo adentra, entendeu? É uma convergência ali.

Sidney Andrade: Depois que o Neo quebra ele, né?

Deia Jaguará: Depois que o Neo quebra, porque assim ele é a resposta o Neo é a anomalia, aí o programa é a resposta e o que deu o resultado depois, só que se

subdividiu, né? Nem o Neo foi a mesma pessoa e nem o Smith. Então eu fico pensando assim, é uma confluência, entendeu?

Sidney Andrade: Mas isso pra mim é mais um aspecto messiânico e rançoso para mim da obra que é o fato de que, para todo Deus messiânico, tem que existir um demônio e um só existe em função de se opor ao outro. É ao contrário daquela oposição que eu falei da Oráculo com o arquiteto, que é uma oposição de outro tipo, de outra corrente de pensamento, que é corrente, que diz que tem opostos que precisam coexistir Mas essa oposição aqui entre o Neo e o Smith, ela é uma oposição monoteísta, cristã católica, né? Essa oposição de Deus e do Diabo, né? O bem e o mal, e o diabo ele foi criado pelo próprio Deus, porque vamos lembrar, né? O Lúcifer também era um anjo de Deus, né, que caiu porque se rebelou e tal, né? Então o mal só existe é em contraposição para o bem, né, encontra oposição ao bem e tal, e eu acho que para mim isso bem além de maniqueísta, bem católicozinho.

Deia Jaguará: Não tem como discordar, é uma verdade.

Sidney Andrade: Mas, enfim, se você quiser achar que o Smith foi...

Deia Jaguará: Não, mas se existe os satanistas, os luciferianos também, quem quiser acreditar então pode ser também. Ele não deixa de ser um escolhido.

Sidney Andrade: Eu acho que essa teoria ela não invalida o filme porque tem umas teorias que que desvalidam né, assim eu vou escolher não perceber essas coisas para eu criar essa teoria e essa teoria, ela não invalida nada. O filme continua igual. Você só escolheu o escolhido. O que você prefere, né?

Deia Jaguará: Do contrário, se tem pessoas que pode convalidar, na verdade, se algumas pessoas quiserem impor a sua própria verdade, dizer, vamos manter a ordem, por exemplo, quem seria você em Matrix, né? Em quem você votou em 2018?

Sidney Andrade: Qual é o seu escolhido? Escolha o seu escolhido.

May Reis: Eu só acho que essa coisa de você colocar o Smith como o escolhido, você tem que ressignificar a obra inteira, assim. Tudo basicamente como ele, ele age de uma forma diferente do Neo, a forma, o modus operandi dele, é diferente, as conclusões passam a ser diferentes. Por exemplo, toda a filosofia que a gente fez em cima do Oráculo vai por água abaixo.

Sidney Andrade: Será? Bom fica a interpretação, não é também? Aí eu acho que deixa a interpretação aberta. Ouvintes é vocês nos mostrem. Eu entendi que você falou.

Yohanne Zamboti: A questão do escolhido, eu acho que a gente só ressignifica assim, questão de filme se a gente entender que o escolhido é um agente do bem, porque o escolhido não é necessariamente um agente do bem, ele pode ser um elemento profético que gera a transformação dos humanos.

Sidney Andrade: Bom, a outra curiosidade do filme é que aquela letrelinha que você vê passando caindo no filme que virou sim o meu descanso de tela em 2002, o descanso de tela das letrinhas caindo, né? Que é o grande, a grande estética do filme. Que é a representação do código da Matrix são letras e esverdeadas caindo de cima para baixo

na tela preta, elas são na verdade são ideogramas japoneses que especificam muito claramente uma magnífica receita de sushi.

Deia Jaguará: Eu adoro.

Yohanne Zamboti: Esse é a melhor curiosidade.

Deia Jaguará: Será que os japoneses, quando viram conseguiram identificar? Fiquei pensando.

Sidney Andrade: Aham, mas acho que eles alteram um pouquinho assim o os caracteres não é para não ficar tão na cara, mas eu acho que é assim, o que isso quer dizer é que eles pegaram os ideogramas de uma receita de sushi e foram. É modificando para fazer parecer que é um código, sabe? Mas é isto. Então, se você quiser aprender a fazer sushi também assista, Matrix vai ter que ser um pouco detalhista nesse caso, mas se você pode, quem sou eu para te impedir. E pra encerrar mesmo o filme é só apresentar vocês aqui e eu acho que a gente pode é especificar, desenvolver isso melhor nas e-pistolagens é que recentemente apareceu uma nova interpretação para o filme. Diante da informação de que os filmes de Matrix foram feitos por duas mulheres trans como a gente mencionou, né? E daí muito muitos fãs da obra que são pessoas trans, eles interpretavam a obra como uma alegoria a transição de gênero. E aí veio uma das irmãs recentemente a Lily Wachowski, que disse que a ideia delas era realmente essa de meio que ilustrar o que seria uma transição de gênero para a cabeça delas e mote central delas, que é tipo assim, você se livrar desse corpo que te impõem e né, sair dessa Matrix, desse padrão e ser quem você quiser na Matrix, né que o Neo pode aprender qualquer coisa, está todo mundo ali, pode ser qualquer coisa na Matrix, né? Tem um pouco a ver com isso. Outra curiosidade é que no filme existe uma personagem que era potencialmente trans, que é a Switch, né? Que ela morre, mas o nome dela não é à toa, Switch quer dizer trocar, né? Que é inverter. E ela para ser uma personagem trans, mas acabou não sendo porque o estúdio não deixou.

Deia Jaguará: Ela teria gêneros diferentes, né? Dentro e fora da Matrix.

Sidney Andrade: Isso, fora da Matrix seria um gênero e dentro seria outro.

Phillipe Morais: E você consegue ver claramente isso porque dentro da Matrix, a Switch é totalmente andrógena. Você não consegue identificar um gênero claramente quando você vê a personagem.

(VINHETA DE TRANSIÇÃO: MONTAGEM COM EFEITOS SONOROS RETIRADOS DAS CENAS DO FILME MATRIX)

6. Sequências

Sidney Andrade: Vamos para as 2 sequências, que eu acho por bem a gente tratar como um filme só, né? Matrix Reloaded e Matrix Revolutions, ambos lançados em 2003,

foram filmados juntos, lançados com 6 meses de diferença. Eles meio que contam uma história que a gente não pediu, né? Para ser contada, uma história que não precisava de ser contada, na minha opinião, mas que é bonito de se ver, tão bonitos os olhos, tão bonito de olhar, mas para que também a gente se pergunta, não sei se tem essa impressão também.

Deia Jaguará: Ela basicamente onde o Neo vira o Superman, fica voando, cai como um super-herói, várias lutas, luta, luta. Quando você cansa mais, luta, luta, luta, luta de todos os ângulos possíveis, dinheiro, dinheiro e dinheiro pronto podemos passar para discutir.

Sidney Andrade: É o. Eu acho que foi o Phillippe que falou no começo, mas a minha grande impressão é que esse filme ele podia ter sido um filme só e aí a gente sofreria menos de cenas longuíssimas de ação que assim você cansa porque não acaba nunca. Tem uma sequência de ação que é a sequência da autoestrada do Matrix Reloaded que dura fucking 17 minutos. Você tem noção que é um episódio de uma sitcom de uma cena de ação. Eu não aguento essa cena. Eu fico exausto e é só show off, né? Assim é muito show off em Matrix Reloaded e Revolutions e tem pouca história assim, a história é meio rásinha. Na minha opinião, eu acho que enfraquece um pouco para mim, não sei vocês.

May Reis: Essa cena é tão puxada que eu acelerei a cena. É 17 minutos de um bando de carro se batendo, gente se matando. Ai não, não, não.

Sidney Andrade: Matrix Reloaded e Revolutions para mim eles droparam, eles largaram toda a pegada filosófica e deixaram só o “massa velho”, sabe? E aí foi só o hétero top mesmo assistir e pirar nas cenas de ação, porque são bonitas mesmo porque os efeitos são fódas e elas sabem fazer, né?

Deia Jaguará: São muito bem-feitas.

Sidney Andrade: Mas assim o plot é ralíssimo. O plot de Reloaded é o que, eles estão lá na revolução agora que o Neo se descobriu o Superman. Ele vai acabar com a porra toda, mas o Smith também é o Superman, é o Superman invertido e aí ele começa a dominar ali a Matrix e fazer cópias de si mesmo, tal e aí o plot do segundo filme é só para o Neo, a Trinity e o Morpheus se encontrarem lá. O arquiteto, dão essa missão para o arquiteto explicar para ele o que Neo é, que é quando a gente descobre que o Neo nada mais é do que uma anomalia que vem se repetindo na Matrix periodicamente e que o Neo meio que faz parte do sistema, né, da Matrix e que vai sempre acontecer e que nunca foi bem-sucedido, né? Então a gente vai ver talvez a versão do Neo que vai conseguir derrotar a Matrix e acabar com a opressão das máquinas.

Deia Jaguará: Mas voltando aqui para a parte filosófica que teve também a gente conhece os 2 personagens que é a Perséfone e um, como é que o nome do outro, que é o marido dela? Merovingian. E aquela parte daquele debate filosófico que ele dizendo que a vida não é de escolhas, e sim da causalidade, bugou minha cabeça ontem que eu falei assim, passei a vida inteira escutando Dumbledore para vir um puto desse homem agora me dizer que eu estou errada eu estou errada, não é?

Sidney Andrade: Ele diz é causa e efeito, né?

Deia Jaguará: Causa e efeito, né. Que ele coloca isso na cabeça da gente, né? Que a escolha ela é uma ilusão criada, até anotei. Olha que eu sou dessa. E eu adoro o fato que ele xinga em francês também.

Sidney Andrade: É muito bom, é muito legal. Tem cenas muito legais nos filmes.

Deia Jaguará: É bom, né? Mas assim essa frase que ele fala, se você parar para pensar, ela é muito real hoje, que a escolha ela é uma ilusão criada entre os que têm poder e os que não tem poder. Isso bugou a minha Matrix.

Sidney Andrade: E ele quer ter poder, né, por isso que ele barganha lá com o Neo e com a Trinity, né? Mas a sede de poder não faz ele perceber que o poder está mesmo na mão da Perséfone, né? Ali, e que ela, quem sabe onde está o ele, por ser vítima também desse homem asqueroso ela vai querer sua vingança e vai dar a informação do chaveiro para o chaveiro guiar os nossos heróis até o prédio lá que está para explodir e tal. Mas aí depois ele descobre que o Neo vai ter aquela conversa com o arquiteto cheio de palavras difícil. E que ele vai ter que escolher ou salvar o prédio e todo mundo que está lá dentro ou salvar a sua amada. E aí a diferença, mais uma vez o plot romântico cagando tudo, mas e o pior de tudo, é que isso é a diferença para distinguir esse Neo, que é o Neo que vai dar certo dos Neos que deram errado, porque os Neos que deram errado escolheram salvar o prédio, né? E eles, porque ele escolheu salvar a Trinity é que deu certo o no final. E aí eu acho isso assim, tão piegas. Tipo assim, sério mesmo? Porque o debate é interessante, aquele debate do Coringa, do Batman, o cavaleiro das trevas, né? Que diz assim é, e aquele outro debate filosófico, né? De ética, o como chama o dilema clássico da aula de ética 1:1, que é assim, o que é que é mais cético? É, você está num trilho no trem e tem 2 caminhos, né? Num dos trilhos, você vai matar 5 pessoas no outro trilho, você vai matar só uma, qual é o trilho que você vai escolher, né? Se eles não sabem que você vai matar alguém e tal, a sua escolha vai causar alguma coisa. Qual é o limite da ética, esse debate que é um pouco saturado...

Deia Jaguará: Mas sempre são, são sempre, sempre são 2 coisas ruins, não é você não pode descer do trem quebrar o trilho, por exemplo.

Sidney Andrade: Pois é, exatamente.

Sidney Andrade: O Neo devia ter isso, não é assim, é porque isso é um pensamento filosófico eurocêntrico.

Deia Jaguará: Isso. Isso me deixou decepcionada porque...

Sidney Andrade: Porque essa filosofia euro centrada, ali na Grécia antiga, os homossexuais da Grécia antiga também tem um defeito, entendeu? Eles eram as pessoas que achavam que se diante dessa situação só havia 2 escolhas, ou matar uma, ou matar 5, se que você podia simplesmente se jogar do trem, você podia escolher destruir trilho e tal, sabe esse pensamento muito com o perdão do trocadilho, muito on trails, né? Na nas, na linhazinha assim. Ele é muito, muito eurocentradinho, sabe muito padrãozinho, branco, e assim as inspirações que as Wachowski tiveram de outras culturas, elas não se refletiram aqui nesses grandes plots, só nos plots pequenos. Isso me decepciona um pouco.

Deia Jaguará: Mas vocês aí acham que é escolha ou é causalidade, ação, reação, causa e efeito? Fiquei com isso.

Yohanne Zamboti: As 2 coisas estão interligadas quando você tem ação e reação, essa ação partiu de alguma coisa, de um ponto inicial, ela não é literalmente aleatória, só que no sentido de que as suas escolhas têm consequências, sabe?

Sidney Andrade: É porque ele, o Merovingian faz parecer que são 2 coisas separadas, sendo que escolha e ação e reação são duas frases que dizem a mesma coisa, só que estão em campos do conhecimento, distintos, ação e reação é uma máxima da física, ou seja, do discurso natural, e você é produto de suas escolhas é uma afirmação filosófica, mas ela está dizendo a mesma coisa, que é tudo que acontece, aconteceu por um motivo, tem uma causa e toda causa tem um efeito nas suas escolhas têm, você faz escolhas porque existem causas que provocam fazer essas escolhas e as suas escolhas é tem efeitos, porque toda ação tem uma relação. Então assim, pra mim no caso, né? São 2 frases que dizem a mesma coisa, só que partindo de campos do conhecimento diferentes.

Yohanne Zamboti: Sim, sim, para mim é a mesma coisa, eu acho, só que nesse sentido da escolha, talvez não seja essa interpretação que a gente está dando. Ele falou de escolhas no sentido do livre arbítrio, que também é uma contradição terrível dentro do universo, predestinado, né? Como se você fizesse escolhas que estão ali para você fazer. Não necessariamente mais suas escolhas.

May Reis: Vocês tiraram tanta confusão de uma cena que eu não consegui nem prestar atenção, porque eu fiquei completamente desconcertada com as representações da cena.

Phillipe Moraes: Dela comendo bolo?

Sidney Andrade: Eu acho que não é bem isso que a May quis dizer com a problemática da cena. Qual é a problemática?

May Reis: Elas colocaram ali dois personagens que eu procurei realmente assim. Vasculhei a internet para ver se eles eram apresentados como personagens albinos, mas não são, mas eles parecem pessoas albinas. E não é que são muito brancos do cabelo muito branco. E aí temos 2 problemas, os atores não são pessoas albinas, né? E aí temos um caso de creepy face, como na maior parte dos filmes da ficção, não é mesmo?

Sidney Andrade: Tudo branco com a roupa branca, não é? Só um minuto May, creepy face para quem não entende o jargão é o black face das PCDs, das pessoas com deficiência, é você se fingir de PCD.

May Reis: E aí, o outro é que eles são fantasmas, tão brancos que chegam a ser fantasmas. Uau, nossa, me sinto tão bem representada.

Sidney Andrade: Tão representadas, né? É que, de todos os poderes, com a pessoa com deficiência, que é o primeiro, é não ser visto, né? Que né? Claramente não.

Deia Jaguará: Como que eles são vilões, né? A May trouxe dois vilões novos, né? Os personagens dos vilões que vão naquela cena de 17 minutos lutar contra Neo.

Sidney Andrade: E eles não têm back story nenhum. Eles só são maus, marrentos e maus. Eles só são maus assim. Eu acho o ó, também é. Eu já achava eles sem graça, agora que você trouxe aí a crítica sobre o albinismo deles, é albinismo que se fala, May? É o termo?

May Reis: Sim, sim.

Sidney Andrade: E aí, já que você trouxe aí é pra mim, piorou um pouco, mas eu não tinha percebido inclusive essa, essa dimensão do problema, aí então é mais um negócio que podia não acontecer ou acontecer direito também, né? Podia ser feito assim por que não precisa ser só PCD herói, né? Assim, mas a gente nem herói tem também, né, tá tendo.

Deia Jaguará: E ele vai ficar cego, né, Sidney no último filme.

Sidney Andrade: Ele fica, né? No último filme fica assim, mas é porque ele é cego de araque, nunca é cego assim, é outro creppy face que é ele vai perder a visão para enxergar além entendeu que é um tipo, é um tipo de eu vou chamar de cegofobia, porque é direcionado a visão, né, mas é um pensamento também também filosófico, muito, muito eurocêntrico, muito elitista, que é o fato de que você, se você se privar da visão humana, você vai ter uma visão além do alcance. E essa questão da centralidade, da visão da sociedade, eles aplicam a filosofia no sentido de dizer que existe um monstro que você pode enxergar sem os olhos. E daí que surgem os estereótipos dos cegos sábios, né? De cegos, que são videntes, né, que são, adivinhos etc. e tal que vem, que tem mitos e tudo mais, né? Vem toda também dessa problemática e de você centralizar os a visão enquanto o sentido principal, e aí nos filmes se traduz, como você vai deformar o herói no sentido físico mesmo, né? Você vai aleijar o herói dos olhos só para ele poder enxergar mais, né? Ou seja, não é uma cegueira, né? Não é uma cegueira.

Deia Jaguará: Mas assim, a cena mais triste desse filme para mim, que eu reassistindo que aí eu vou falar daquilo, né? Como dizem você dos do meu lugar de fala, que é a questão que é a cena do beijo no banheiro que claramente o filme coloca 2 mulheres para brigar pelo macho, entendeu? Assim, mas essa fica muito explícita. A Trinity reage com ciúmes, você está entendendo? É, é, ficou muito clichê, mas isso me irritou quando eu assisti, eu bati a mão na mesa, puta Trinity, deixa que beija, fala assim, deixa eu te beijar também, ele te beija, te beijo, nós amamos, me dá aqui esse chaveiro.

Sidney Andrade: Sabe o que seria massa se ela tivesse pedido para beijar Trinity, entendeu?

Phillipe Moraes: Aí eu não duvido nada que isso teria existido em alguma versão do roteiro.

Deia Jaguará: Porque, gente, claramente aí o Neo tirou os óculos pra beijar ela, tipo com amor, a gente, pelo amor de Deus, eu fiquei muito chateada, isso aí foi uma crítica, colocar as 2 mulheres para competir, sabe? Essa questão que as 2 tem que brigar pelo macho alfa.

Sidney Andrade: E a atriz que a Monica Bellucci, que ela já é bem conhecida por ser gostosa, né? Tipo assim, ela é o sonho molhado de todo nerd punheteiro e tal, e é um fã service para o nerd punheteiro ali que eu que eu fico assim, eu fico realmente enojado, sabe? Acho totalmente desnecessário. Embora a Monica Bellucci ela seja um mulherão da porra mesmo e eu não nego isso assim, mas assim, a personagem Perséfone, ela é completamente a objetificada, ela é um objeto de cena. Ela não é um personagem, sabe? É um objeto de cena para os homens da cena. Eu acho isso, ó.

Deia Jaguará: Eu ia falar que era um, ela é um objeto de cena, inclusive, é por isso que ela se vinga, não é? E aí, como é que é que as mulheres resolvem isso? Uma traição? Se vingando porque a gente não tem mais nada para fazer, sabe? A gente não pode ler um livro, a gente não pode ficar amiga da Trinity, chamar ela pra um café. Não, a gente se vinga, mas a gente se vinga machucando outra mulher.

Sidney Andrade: Exatamente. É triste. Olha, eu diria que assim Matrix Reloaded, ele se beneficiaria muito de um editor's cut (corte do editor), mas no sentido de cortar mais, sabe? Não te botar mais, de tirar. Tira uma hora desse filme que ele fica excelente.

Deia Jaguará: Que essa cena não precisava, já podia cortar para a parte que ela vai entregar lá e já disse que ela entregou porque o cara deu bolo lá com a mulher para a mulher ficar toda excitada e ele foi no banheiro porque vocês sabem que ela entra no banheiro masculino de propósito, para saber se o Merovingian está lá porque ele falou que ia fazer xixi ele estava no banheiro feminino, então foi uma construção toda, entendeu? Ele dá o bolo, a cena do bolo, né, que todo mundo faz, tá? E eu acho que os, né? Diz que nem você disse aí deve ter ficado doido. E ele fala que vai no banheiro fazer xixi, aí ela entra ela na cena, ela entra no banheiro masculino. Aí ela vê que ele não está lá e depois, quando ela liberta o chaveiro, ela fala, procurem ele, mata um dos comparsas e fala que você pode ficar aqui e eu te matar ou você voltar lá e contar pro seu chefe, ele está no banheiro feminino, então ficou bem claro assim para mim que nossa, que desgaste.

Sidney Andrade: O filme termina com uma cena chocante, que é a gente descobrindo que o Smith conseguiu sair da Matrix, se infiltrar num corpo humano, né? Num corpo de carne e tal, e termina com esse cliffhanger aí que ele está cabecinha com cabecinha com cabecinha com o Neo ali na mesma nave e vai dar xabu. 6 meses depois, Matrix Revolutions foi para os cinemas e continuou essa história com outra 1 hora extra sem precisão, né? Porque a última hora é só tiro. Eu não sei por que fizeram um filme de tiroteio em Matrix, não era do seu feitio Wachowski. 17 minutos de perseguição, e aqui em Matrix Revolutions, a gente tem 20 minutos de robôs dando tiro em robôs sabe, eu fico assim, não foi isso que eu comprei no primeiro filme. Aí a gente descobre que tem uma cidade de humanos que está resistindo que é Zion, outra referência bíblica aí também, né? Que é que se refere à cidade de Sião. Esse pessoal aí a gente descobre também que já tem pessoas que nasceram no mundo real, nunca foram conectados à Matrix, então, né? São uma resistência realmente, as máquinas descobriram estão lá querendo atacar o Neo, vai ter que se apressar para deter o as máquinas, né? Enquanto eles ficam dando tiro em Sentinela, eu acho um saco. Meu Deus, me tira daqui. Olha só 1 hora desse filme um podia ser cortada com mais 1 hora do outro podia ter virado um filme ótimo. Isso é o que tem de interessante, aqui. Tem outras cenas, assim, de

conversinha com o Oráculo, né? Que é quando ele questiona o livre arbítrio mesmo também de novo. Aí tem mais 20 minutos de cena dele batendo na pilha de Smith, né? Ali, de agentes no caso, a cena do parquinho, nossa, que cena longa. Todas as cenas de ação são longas demais. Tudo é muito longo demais. Tudo é muito exagerado assim, over the top sabe, eu acho muito ruim e desse filme eu só tiro frustração porque o final também me frustra e eu já vou me permitir pra gente pular para o final, que é assim no final o que tem que acontecer é o Smith, ele dominou toda a Matrix, né? Ele se replicou e tomou todos os que estavam na Matrix, todos humanos e todos os programas, a Matrix está dominada e ele vai ter que fazer um acordo com as máquinas para as máquinas permitirem ele levar pra fazer essa varredura no sistema e caçar o antivírus, né? O Neo é o antivírus. E aí ele vai nesse ínterim, a Trinity morre nessa viagem, não antes de ver o céu, né? Porque o Neo mostrou o céu para ela e é por isso que ela o ama, né? Porque foi a primeira vez que ela viu a luz do Sol, e ele vai combater com mais meia hora de cena de “massa velho”, né? E agora essa cena é digna de Dragon Ball Z, né? Tem explosão no céu, voando e socos e ultrassons assim e ondas que causam crateras, e ele lutando na cratera e tipo assim é uma megaprodução, mas só para você dizer que massa velho, porque assim não conta nada. As cenas de ação elas não contam nada, elas só são para você ficar assim, ó, que legal uma cena de ação.

Deia Jaguará: É uma feijoada, né? Aí tem a parte do discurso, bem Coração Valente que o cara faz lá antes da guerra, que nós vamos guerrear, vocês estão comigo. Aí o Neo nesse meio, como a gente já comentou, ele fica cego, né? Você já problematizou. Mas assim.

Sidney Andrade: Pelo Smith, né? Pelo Smith, que estava na no corpo lá do outro cara lá, né? E o Neo mata o Smith já ali fora da Matrix.

Deia Jaguará: Não, eu o Neo inteligente que demora 10 minutos para descobrir que o cara é mesmo.

Sidney Andrade: Para perceber que é o Smith. O final é assim, o final o Neo se crucifica, morre e vai lutar com a coisa e morre crucificado. E ele faz uma barganha, e é por isso que eu acho que eu gosto da, da tese de que o Smith é o escolhido porque, tipo assim, o Neo ele faz um trato com o outro demônio, que são as máquinas, entendeu?

Deia Jaguará: O trato do diabo, o diabo maior.

Sidney Andrade: Exatamente, e aí a gente não sabe o que aconteceu depois, a gente só sabe que terminou aí o Neo se sacrificou e a Matrix foi refeita, o que foi um foi uma, ele fez uma barganha, não é? E ele disse assim, nem todo mundo vai querer sair. Essa discussão existe, né aí? Mas ele diz, então você tira todo mundo que queira, não impeça a gente tirar ninguém que quiser sair. Quem não quiser sair fica e aí a gente não sabe o que aconteceu, porque esse é o final. Isso é o que mais me frustra. É esse final, assim que deixa tudo muito. Eu não, não. Eu não queria um final determinante definido, sabe? Mas a indefinição desse final me frustra, porque ela para mim, ela me mostra que o plot que foi criado para os 2 filmes ele não foi resolvido. Que assim a gente começou com um filme de um grupo revolucionário que queria destruir o sistema. No final do terceiro filme, o que a gente vê que os revolucionários tiveram que barganhar com a extrema direita, não é? Foi um petismo aí que o Neo fez, fez o centrão e tipo assim, sabe. Eu queria, se é um filme sobre revolução, se o nome se chama o

Revolutions, teria que ter sido revolucionário o final e o final foi extremamente conservador para mim. E é isso o que mais me frustra em Matrix Revolutions é porque ele não faz jus ao nome. Além de todo o problema de que é um filme desnecessário. Podia ter sido só um filme só, mas ele não traz uma revolução. O que ele traz é um acordo com o supremo, com tudo.

Deia Jaguará: A trindade. Mas o que mais me..., a frase final, eu acho interessante que é a frase que ele fala ao Oráculo, pergunta, né? Mas você vai tipo, deixar ele sair? Aí o arquiteto, responde, lógico que vou eu não sou humano, tipo assim, eu não sou vocês seus lixos, entendeu? Mentirosos.

Sidney Andrade: É porque ele é um programa, ele está programado para isso.

Deia Jaguará: Exatamente. Eu não sou humana. Ainda acabou assim, tipo batendo na cara da gente, mas eu não gostei também do final, não, sabe? Agora sim, ainda virá mais, né? Será.

Sidney Andrade: Pois é, mas antes de vir mais, a gente vai falar só brevemente que vocês acham do final, Phillipe?

Phillipe Morais: Eu vejo que não é o final nem um pouco revolucionário. Não faz nenhum jus ao um nome. Mas eu acho que é diferente de vocês, eu gosto bastante do final, porque eu acho que seria muito. Eu não sei nem como dizer, mas eu acho que não seria viável um final diferente desse, pelo menos não na construção que eles fizeram nesses 2 filmes, que na verdade são um só. Pra mim, um único jeito possível sem se tornar uma grande galhofa de um plot device que aparece do nada deles conseguiram destruir todos os robôs do mundo e tudo mais, seria justamente um acordo. Então eu vejo mais comum um meio do caminho e não vejo a história resolvida. Não vejo como um final definitivo, mas eu vejo muito mais como um foi o que deu para fazer até aqui. Do ponto de vista daquele universo, então pra mim é um final que faz sentido narrativamente falando, embora eu acho que ele não seja condizente com o final final realmente, aquele último capítulo que a gente esperava parece muito mais um final antes de um epílogo, sabe?

Sidney Andrade: Ele parece um filme do meio, né? Parece que vai vir outro.

Phillipe Morais: É exatamente. É. Parece um grande filme do meio.

Deia Jaguará: Gente, vocês tão falando da realidade, né? Que a gente vive. É, basicamente isso, né?

Sidney Andrade: May e você?

May Reis: Para mim, o filme tinha que ter acabado no segundo, eu achei o terceiro bem mais ou menos. E eu acho que ele final assim, muito Redenção de Cristo, mesmo assim, uma coisa do tipo vou buscar me dar aqui por vocês, apanhar do grande vilão e assim me incomoda, mas eu entendo, é o plot de jornada do herói e tal, não sei o que, mas me incomoda muito.

Yohanne Zamboti: Eu vou vir aqui fazer Advogado do Diabo porque, não que eu goste. Não que eu gosto porque tem muito tempo que eu não revia, não é? Eu lembro de não entender muitas coisas quando eu terminei a trilogia, mas fazendo toda essa jornada

de o Neo ele era alguém que vinha várias vezes etc., eu entendo muito esse final como se ele fosse só o fechamento de um ciclo daquele escolhido, sabe? Parece que como, tem que que toda essa história de Matrix é um ciclo de reiniciamento, reiniciação do servidor.

Deia Jaguará: É pior, eu acho que ele tem razão. Eu estou começando a, sabe...

Yohanne Zamboti: É como se toda essa história, isso fosse a história de um escolhido, mas que no final de tempos em tempos, precisa reiniciar o sistema pra continuar.

Sidney Andrade: Foi aquela restauração para ficar lisinho de novo.

Yohanne Zamboti: É aquilo, seu computador está sendo reiniciado, por favor, não desligue.

Sidney Andrade: Atualização, 9 de 412.

Deia Jaguará: O arquiteto ainda pergunta, não é quanto tempo você acha que vai durar essa paz, então, na verdade, a Yohanne tem razão.

Sidney Andrade: E o próprio fato de já ter tido vários implica exatamente nisso, né? De que vai vir outro mesmo, né? É um ciclo sem fim.

7. Matrix 4

Sidney Andrade: Ai, que triste. É um ciclo sem fim mesmo, gente, porque já temos é Matrix 4 sim mais de 20 anos depois da estreia do primeiro Matrix, começaram a produzir a quarta, o quarto volume da história que até então a gente achava que tinha terminado e vamos lá, o que a gente sabe sobre Matrix 4 já nessa altura. Lembrando que a gente está gravando em março de 2021, mas a gente já tem bastante informação. A Warner confirmou a produção, né? Isso já é bem conhecido, foi no começo de 2020, mal previam que vinha uma pandemia aí, logo em seguida. Rumores já rolavam desde 2017 para uma continuação das Wachowski. Mas, por incrível que pareça, apesar da pandemia, o filme não foi adiado. Pelo contrário, ele foi adiantado. Ele iria estrear no meio de 2022, mas foi adiantado para dezembro de 2021. Então sim, dia 23/12/2021 já tem até data de estreia, 23/12/2021 do ano da graça, estreará Matrix 4, cujo título provavelmente será a Matrix Resurrections e aí sim, agora temos Jesus Cristo do início ao fim, não é mesmo? Ressurreições dois dias antes do Natal.

Yohanne Zamboti: Pra ser mais cravado só se fosse na Páscoa.

Sidney Andrade: E o título faz sentido também, até pelo elenco. Alguns atores já foram confirmados, principalmente os protagonistas, o Keanu Reeves e a Carrie-Anne Moss estão confirmados 2 personagens que, em tese morreram, né? O Neo e a Trinity morreram no final de Matrix Revolutions. Então, o que é que vai acontecer para o Neo voltar a vida? E a Trinity também, né? Não se sabe, mas ou será que eles vão ressuscitar na vida real, na realidade real mesmo? Também não sabemos e assim, algumas teorias dizem que faz sentido, porque, já que o Neo tem essa jornada messiânica, o único passo que faltou foi o passo da ressurreição mesmo. O Neo não ressuscitou, o quarto filme

parece que vem para suprir desse passo o que eu não acho que eu gosto não, não prevejo eu gostando desse filme, mas posso me contradizer até porque as Wachowski agora empoderadíssimas que estão podem fazer um filme bem melhor, né? Com muito mais liberdade. Só que só a Lana Wachowski vai estar envolvida no projeto. A Lily não está envolvida, é só a Lana, mas elas 2 já afirmaram que a ideia para essa continuação já existe desde que elas produziram a trilogia principal, então elas só estão efetivando uma ideia que elas já tinham há muito tempo e agora que estão conseguindo concretizar... Laurence Fishburne não está citado como do elenco ainda até onde eu sei, aqui da minha pesquisa que eu fiz essa pauta. O Morpheus, então não sabemos se ele virá, mas sabemos que quem não virá é o Agente Smith, porque o Hugo Weaving ele não fez o filme porque ele já estava em outro projeto na época da gravação, quem retorna também é o ator do Merovingian aí, para o deleite de Deia. Mas já não sabemos o que que ele vai fazer também está pendente ainda. Não está definido.

Deia Jaguará: Mas será que Perséfone tá aí?

Sidney Andrade: Não temos essa informação. Olha para a gente encerrar esse podcast e eu queria das expectativas de vocês com isso que a gente está sabendo agora sobre o Matrix 4 provavelmente Matrix Resurrections lembrando que isso aqui é um título vazado de uma de uma fotografia que uma maquiadora do set tirou e tinha um copinho atrás da produção escrito Matrix Resurrections. Então não foi anunciado aqui ainda o título oficialmente, mas já é meio que tácito isso porque já tinha material até de merchandising, né? Que era o copinho que estava atrás dela. Então provavelmente será Matrix Resurrections, no português Matrix Ressurreições. Expectativas para a gente encerrar esse podcast, gente, a minha expectativa é zero. Eu infelizmente criei um ranço enorme por causa dessas sequências que não acrescentam em nada. Para mim, o Matrix um ele continua relevante, e só tem uma coisa que eu não gosto mais do Matrix um, mas eu vou deixar para o episódio de e-pistolagens, porque é uma e-pistolagem grande e assim, esse plot messiânico já encheu, sabe? Basta e a última coisa que eu queria nessa altura de 2021 é ver a quarta parte de uma Paixão de Cristo, sabe, não estou aqui para isso, eu não vim aqui para isso. Então vai ter que ser muito diferente, assim ter muita coisa que me agrada hoje em dia para eu superar o plot principal, aparentemente que é esse pote do último passo aí da jornada do Messias, que então, o que que pode fazer com que esse filme me agrade? Mais representatividade real, né? Não só essa de fachada, porque agora é 2021 e agora a Lana ela está mais dona de si, dona das calças dela, então é provável que isso aconteça, não é? E isso poderá ser um atrativo para mim e ter um discurso mais revolucionário, que foi o que faltou para mim nos 2, porque se era uma para mim, Matrix, ele se vendeu desde o começo, como um filme que fala sobre enfrentar o sistema, né? Matrix 3 terminou com um grande vamos retornar ao status quo, o que é uma grande decepção para mim. Então, se o filme, a minha única expectativa de Redenção para esse filme de possivelmente ser bom, é se esse filme trouxer de fato essa revolução que a premissa do Matrix 1 prega desde o começo. Mas eu não vejo isso acontecendo porque, afinal de contas, é Hollywood. Vamos aqui pela ordem, Phillipe, você.

Phillipe Morais: Eu estou um pouquinho mais otimista. Não muito, né? Porque, infelizmente, o estúdio não ajuda, afinal, é a Warner, né? Então, olha, expectativas não estão lá embaixo, mas não são extremamente incríveis. Eu acho que elas vão, que ela,

no caso que dirigir, vai ter um pouco mais de liberdade, mas não muito, porque, infelizmente essa ainda é a realidade em Hollywood, mas...

Sidney Andrade: Ainda mais com um título de tão referência, né? Os produtores não vão deixar ela livre, leve, solta não.

Phillipe Morais: Com certeza não, mas espero que pelo menos eu consiga tocar nos temas que as 2 vinham trabalhando, principalmente para quem acompanhou Sense 8, por exemplo, vi que os temas que elas queriam trabalhar vem lá do primeiro Matrix (99) passa pelos trabalhos delas. A maior dificuldade, eu acho para elas, era na verdade a época, era simplesmente mais inviável ainda fazer o tipo de comentário e contar as histórias que elas pretendiam contar, né? Talvez no século de 2021, né, ela consiga um pouquinho mais de liberdade para quem sabe trazer para esse filme o que ele precisava, que é justamente essa de disrupção com toda toda essa imagem, de salvador messiânico que fica impregnada, principalmente no nesse segundo e terceiro filme, que, como a gente comentou, né, podia muito bem ser só um filme ao invés de 2 filmes de 2 horas, podia ser muito bem um filme de 2 horas e meia e estava muito melhor. Acho que as questões iam estar muito mais bem resolvidas, mas a expectativa não é de toda ruim não, vamos ver o que acontece. Melhor ir com expectativas não muito altas para ser, quem sabe surpreendido.

Sidney Andrade: Olha aí. Yohanne...

Yohanne Zamboti: Então eu acho que eu também não tenho muita expectativa, porque até pouco tempo, eu nem sabia que tinha continuação rolando. Mas eu estou um pouco frustrada porque a minha teoria de renderização do sistema é muito melhor. Se fizer outro filme, não, não vai fazer mais nenhum sentido.

Sidney Andrade: Será? Não sabemos, pode ser que sim.

Phillipe Morais: Senhora, você já tentou reiniciar o modem, Senhora?

Sidney Andrade: Pode ser que o Keanu Reeves agora vai ter que ser o guia do novo Neo né? Do novo escolhido.

Yohanne Zamboti: É, eu gosto da ideia de ciclos. Eu acho que eu só consegui entender Matrix agora, só nesse momento que eu tive essa epifania de reiniciação do sistema. Porque eu gosto de ciclos, eu acho que Matrix, apesar de todo a roupagem messiânica, para mim ele só é bom se ele for um filme agridoce, sabe uma história agridoce? Porque a realidade é uma merda, estar alienado é uma merda também, não tem por onde escapar, entendeu? Se você tá alienado, você não está promovendo a mudança, mas para promover a mudança, você tem que estar na vida real e a vida real às vezes bate em você.

Sidney Andrade: Bom May, e você?

May Reis: Ai eu não sei, eu provavelmente vou assistir não no cinema, vou esperar aí sair num streaming qualquer da vida, mas tipo, nenhuma expectativa muito grande, até porque o último para mim foi bem, nada acontece feijoadada. Bom, vamos ver, né? Vai que é bom, vai que eles mudam minha opinião.

Sidney Andrade: Ai, que bom, você está melhor que eu, pelo menos, porque eu prevejo morte e dor e sofrimento só para esse filme. Assim, assim, para mim, não é não para os personagens, para mim assistindo, mas enfim.

Phillipe Moraes: Só para deixar o disclaimer aqui, se Warner HBO resolver repetir a prática lá nos Estados Unidos, quando chegar ao HBO Max aqui no Brasil, em junho, a gente vai ter as estreias simultâneas, então talvez quem tem HBO Max lá em dezembro consiga assistir sem ter que ir ao cinema.

Sidney Andrade: Assistir esse grande filme de Natal, né? Deia, para encerrar você, minha amiga.

Deia Jaguará: Para falar bem a verdade, eu não estou nem com vontade de ver por que, para mim, Matrix se resume no primeiro filme, o primeiro filme ele é impactante. Ele se resolve em si mesmo e eu acho que ele mexe muito mais comigo do que as continuidades. Isso é fato. E eu gostei também do plot twist aí da Yohanne, entendeu? Eu quero final dela. Agora eu quero, chamas as Wachowski, vem aqui agora que Yohanne acabou de inventar, porque assim, o que eu gosto de Matrix é toda vez que eu assisto ele é um filme bom pra você assistir com amigos, para assistir com família, dependendo da idade dos seus sobrinhos, você já pode colocar, porque em cada fase da sua vida, que você assistir você com suas próprias experiências, você vai tirar novas nuances. Você vai refletir.

8. Encerramento

Sidney Andrade: Bom, é isso, gente. Vocês estão vendo que terminou lá em cima o nível, em alto astral mesmo, não é que Matrix é isso. A gente encerra aqui o episódio sobre Matrix. Deixamos muita coisa de fora, porque o universo de Matrix é enorme. Você contribua com a gente e expanda discussão, né? Nas nossas e-pistolagens, a gente vai ler seus comentários ou mandem comentários para nós no e-mail estacao21pode@gmail.com ou nas nossas redes sociais, que são todas @Estação21pod. No Twitter, no Instagram, no Tik Tok também estamos, mas não sei se você vai conseguir comentar lá, no Facebook também é tudo arroba Estação21pod e todos que cá estamos fazemos parte do Estação 21, que é um podcasts colaborativo, que significa que você que está nos ouvindo, pode fazer parte. Assim como a May e a Deias que levantaram a mãozinha lá do grupo de ouvintes e vieram gravar porque todo mundo que quer, grava e todo mundo que quer fazer alguma coisa, participar de alguma fase da produção de podcasts também participa. É isso que significa ser colaborativo, então, se você quiser fazer parte da equipe do Estação, colaborar conosco, se inscreva nos formulários que estão na descrição desse episódio. Está bom? Tem um formulário para você entrar no grupo geral, que se chama conciliábulo, que é onde a bagunça acontece, né? E a Deia junta casais gastando suas milhas aéreas, né? Fazendo o cupido aí e também tem os outros clubes para você assistir filme junto com a galera para você escrever fanfic, para você jogar RPG, é só clicar nos links dos formulários que estão na descrição desse episódio. A gente se vê na próxima edição do Estação 21, que vai ser sobre Cyberpunk, não é um gênero é uma estética de narrativas de histórias, na qual

Matrix está incluída, então vai ter a ver um pouco. Se você gosta do tema, é espera que já sai no seu feed. Vamos dar tchau e desconectar da Matrix, que já chega em 321 e tchau, tchau.

Todos: tchauuuuu

(VINHETA DE ENCERRAMENTO “Tudo tem que terminar em certo ponto. Do contrário, nada nunca começaria”)